

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro Tecnológico
Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção

Regina Zandomênicó

A QUESTÃO DA NOTICIABILIDADE DA INFORMAÇÃO POLÍTICA REGIONAL

Um estudo de caso sobre os critérios usados pelas emissoras
de TV aberta de Florianópolis na seleção das notícias relacionadas
à Assembléia Legislativa de Santa Catarina veiculadas de
17 a 28 de fevereiro de 2003

Dissertação de Mestrado

Florianópolis/2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro Tecnológico
Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção

A QUESTÃO DA NOTICIABILIDADE DA INFORMAÇÃO POLÍTICA REGIONAL

Um estudo de caso sobre os critérios usados pelas emissoras
de TV aberta de Florianópolis na seleção das notícias relacionadas
à Assembléia Legislativa de Santa Catarina veiculadas de
17 a 28 de fevereiro de 2003

Regina Zandomênic

*Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre
em Engenharia de Produção*

Florianópolis/2004

Regina Zandomênicó

A QUESTÃO DA NOTICIABILIDADE DA INFORMAÇÃO POLÍTICA REGIONAL

Um estudo de caso sobre os critérios usados pelas emissoras
de TV aberta de Florianópolis na seleção das notícias relacionadas
à Assembléia Legislativa de Santa Catarina veiculadas de
17 a 28 de fevereiro de 2003

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a
obtenção do título de **Mestre em Engenharia de
Produção no Programa de Pós-graduação
em Engenharia de Produção** da
Universidade Federal de Santa Catarina,
área de concentração **Mídia e Conhecimento**.

Florianópolis, 05 de março de 2004

Prof. Edson P. Paladini, Dr.
Coordenador

BANCA EXAMINADORA

Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.

Profª. Heloiza G. Herscovitz , Dra.

Profª Gislene Silva, Dra.

RESUMO

Zandomênico, Regina. **A questão da noticiabilidade da informação regional:** um estudo de caso sobre os critérios usados pelas emissoras de TV aberta de Florianópolis na seleção das notícias relacionadas à Assembléia Legislativa de Santa Catarina veiculadas de 17 a 28 de fevereiro de 2003. Florianópolis, 2004, 000 fl. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção – Área: Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001

Esta dissertação apresenta os principais critérios utilizados pelos jornalistas na definição da noticiabilidade partindo de um resgate histórico até os dias atuais. Por meio de um estudo de caso identifica que a relação com as fontes foi o principal critério utilizado pelas emissoras de TV aberta de Florianópolis, no período de 17 a 28 de fevereiro, para realizar a cobertura jornalística na Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

Palavras-chave: notícias, noticiabilidade, critérios de seleção, fontes.

ABSTRAT

This case study shows the main criteria adopted by journalists in defining the relevance of a piece of news since early days to present times. It reveals that the relationship with sources was the most important criteria used by open TV channels of Florianópolis during the period of February 17th through February 28th in 2003 for the news coverage concerning parliamentary activities in the state of Santa Catarina.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Doutor Eduardo Barreto Vianna Meditsch que indicou o melhor caminho para concluir esta dissertação. A Carlos Vanderlei dos Santos, da TV Clipagem, e João Luiz da Silva, da Controle Catarinense de Publicidade Silva Ltda, que gentilmente disponibilizaram as gravações dos 88 telejornais analisados nesta pesquisa. Aos colegas jornalistas Cláudia Regina Alves e Jaqueline Griebeler, pelo apoio nas etapas de pesquisa de campo, e Henrique Ungaretti, pelas transcrições para língua inglesa. E, em especial, à professora do curso de Jornalismo da UFSC Maria José Baldessar pela troca de idéias, discussão da bibliografia e participação na revisão deste trabalho.

O público parece não se cansar nunca de saber das notícias, mesmo que elas informem apenas uma mudança de clima.

John Hohenberg

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Agradecimentos

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 O QUE É NOTÍCIA.....	06
2.1 Estudos sobre o que é a notícia.....	09
2.2 A notícia ao longo da história	11
2.3 A Introdução do Jornalismo no Brasil.....	15
3 A QUESTÃO DA NOTICIABILIDADE.....	17
3.1 Critérios pessoais.....	20
3.2 Interesses do Público.....	22
3.3 Constrangimentos Organizacionais.....	25
3.4 Relação com as Fontes e Rotinização.....	28
3.5 A lógica do incomum.....	34
3.6 Custos.....	36
3.7 O fator tempo.....	37
4 ESTUDO DE CASO.....	41
4.1 Metodologia do Estudo.....	44
4.2 Assuntos mais veiculados.....	46
4.3 Formato das notícias veiculadas.....	47
4.4 As equipes de produção dos telejornais.....	50
4.5 De onde vêm as notícias.....	50
4.5.1 Assessoria de imprensa.....	51
4.5.2 Pauta Originada na própria emissora.....	52

4.5.3	Circularidade das Informações.....	53
4.6	Crêterios de Sele�o.....	53
6.1	O Público.....	54
4.6.1	O Negativismo como Valor.....	55
4.6.2	A Estrutura.....	55
4.6.3	Influência da Estrutura das Emissoras.....	56
4.7	Limita�o do Tempo.....	57
4.8	Conhecimento do Público Alvo.....	57
5.	CONCLUSÃO.....	60
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
	ANEXOS.....	85

1 INTRODUÇÃO

O artigo nono do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros determina que é dever do profissional da área divulgar todos os fatos que sejam de interesse público. No dia a dia das redações, entretanto, determinar o que é interesse público e, conseqüentemente, o que é notícia é uma tarefa cercada de condicionantes, que incluem desde questões pessoais até organizacionais, e pressões, que passam pela corrida contra o relógio e a relação com os colegas.

Qualquer jornalista que tenha passado por um veículo de comunicação reconhece que, em muitas situações, se gasta mais tempo discutindo o que é interesse público do que o empregado para produzir as reportagens. Em outras situações o trabalho jornalístico ganha um perfil automatizado onde o mais importante passa a ser a rapidez e a quantidade de produção de pautas e suas conseqüentes reportagens. Os profissionais do campo jornalístico, salienta TRAQUINA (1988), têm um desafio cotidiano:

(...) elaborar um produto final (jornal, telejornal, noticiário radiofônico) todos os dias e todas as semanas. É impensável a hipótese do apresentador do telejornal, por exemplo, dizer “hoje não há notícias” ou “temos hoje um programa mais curto porque não havia notícias suficientes” TRAQUINA (1988, p.31)

Dentro deste contexto, existe a questão do que é realmente interesse público e o que pode ser avaliado como interesse do público. Nesse processo de avaliação do que pode ser considerado como notícia, GOMIS (2002) identifica o “importante” e o “interessante” como dois valores básicos e afirma que é possível que nem todos os meios de comunicação coincidam nas escolhas. Alguns veículos darão mais destaque ao importante e outros ao interessante. A experiência histórica do próprio jornalismo é apontada por SILVA (1998) como um dos fatores que influenciam a seleção noticiosa porque fatos que tiveram mais repercussão, ao longo dos anos, teriam ajudado a traçar um modelo de prática

jornalística. Na concepção de SILVA, M. o homem tem um desejo muito forte de conhecimento para avaliar o mundo em que vive:

Sempre houve entre os povos desde os primórdios até a atualidade, canais de informação dos acontecimentos. Mas foi com a invenção da tipografia e da imprensa que se deu a revolução na divulgação das informações. O certo é que a notícia como uma novidade sobre algo, sempre foi muito bem aceita por todos. SILVA, M. (1998, p. 37)

ERBOLATO (1991) argumenta que milhares de acontecimentos são revelados ao mundo a cada instante e que se o homem das cavernas se contentava em saber que algum animal o ameaçava, o homem moderno não encontra limites para o seu desejo de estar bem informado. O autor enfatiza que inteirar-se sobre o que se passa no mundo é hoje uma obrigatoriedade. WOLF (2001) salienta, inclusive, que assuntos que, há alguns anos, não existiam, constituem atualmente notícia, demonstrando a extensão dos temas considerados noticiáveis.

Esta dissertação é um estudo sobre os fatores que influenciam os jornalistas a decidir se um fato merece ou não ser avaliado como notícia. O trabalho não tem a pretensão de colocar um ponto final na indagação, já que a questão da noticiabilidade é uma preocupação registrada desde o século XVII e que até hoje não ganhou uma definição consensual. GOMIS (1991), por exemplo, considera que notícia é a definição jornalística de um fato. Mas não de qualquer fato, porque não é qualquer fato que serve como notícia. Já TRAQUINA (1988) defende que para se compreender o que é notícia é fundamental entender como ela é produzida.

O objetivo deste trabalho é identificar os principais fatores que influenciam o trabalho dos jornalistas e descrever o processo de avaliação das notícias realizado pelos profissionais que convivem com a infinidade de fatos que rondam as redações. A apresentação desses fatores poderá subsidiar o entendimento de parte do trabalho jornalístico que, em muitas ocasiões, é questionado não só pelos profissionais e estudantes da área, como também pelos consumidores de notícias que desconhecem ou discutem pouco as questões apresentadas nesta

dissertação. O conhecimento e discussão das influências de parte deste “fazer jornalístico” pode, com certeza, mostrar um lado menos romântico e mais real do jornalismo.

O primeiro capítulo deste estudo envolve as definições de notícia sobre a ótica de vários autores e os estudos que já foram feitos sobre o tema. O trabalho registra, por exemplo, que no século XVII já havia a preocupação com o estudo das notícias e demonstra que não existe um consenso e, nem tão pouco, a esperança de uma solução imediata para a questão.

O segundo capítulo trata do processo de produção das notícias ao longo da história demonstrando que desde a Antigüidade as pessoas querem e precisam ter acesso à informação. A introdução do jornalismo no Brasil também é abordada mostrando que as condições impostas por Portugal influenciaram a difusão das informações.

O embasamento teórico sobre a questão da noticiabilidade é apresentado no capítulo três que identifica a introdução do “novo jornalismo”, por volta do século XIX, e o surgimento do conceito de objetividade das notícias, no início do século XX, como importantes marcos. Também estão incluídos nesse capítulo os principais fatores que influenciam a noticiabilidade, como os critérios pessoais, os constrangimentos organizacionais, a relação com as fontes e o fator tempo.

A conclusão da dissertação destaca a importância das fontes na definição dos fatos que foram tratados como notícia no período analisado. Tanto o levantamento das notícias veiculadas, como os questionários respondidos pelos jornalistas confirmaram a influência dos assessores de imprensa da Assembléia Legislativa de Santa Catarina no que foi veiculado.

Para chegar a este resultado o estudo enfocou a cobertura jornalística da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, realizada pelas quatro emissoras de TV aberta de Florianópolis – RBS TV, Barriga Verde, Record e Rede SC - no período de 17 a 28 de fevereiro de 2003. Ao todo foram avaliadas 88 edições dos telejornais exibidos pelas quatro emissoras nesse período.

Em um primeiro momento, a pesquisa fez o registro da quantidade e conteúdo abordado sobre o legislativo catarinense e identificou as notícias mais

publicadas. Em outro momento, solicitou-se aos jornalistas envolvidos com a produção dos telejornais das quatro emissoras que respondessem um questionário de múltipla escolha que identificou os métodos mais utilizados para ter acesso às informações e os fatores que interferiram no processo de definição da pauta. Os entrevistados também tiveram espaço para incluir respostas pessoais. A mesma sistemática foi feita com os comentaristas políticos das emissoras: Paulo Prisco Paraíso (SBT), Paulo Alceu (RBS TV) e Vânio Bossle (TV Barriga Verde). No período pesquisado a TV Record não possuía comentarista político.

O questionário incluiu questões como a relação com assessores de imprensa, a relevância da experiência profissional e o acesso a outros veículos de comunicação, incluindo a Internet, já que a Assembleia Legislativa de Santa Catarina disponibiliza neste meio informações diárias. Além disso, a maioria dos deputados estaduais também têm o seu próprio site onde divulgam suas atividades.

O tema deste estudo nasceu de uma preocupação surgida durante os meus primeiros meses de trabalho na RBS TV de Florianópolis, em 1992. Para fugir da rotina das pautas factuais e das sugestões dos assessores de imprensa, propus um levantamento da situação da Câmara de Vereadores de Florianópolis, conhecida na época pela pouca atuação. O cotidiano dos vereadores e os projetos apresentados eram um verdadeiro mistério. A sugestão de pauta foi descartada por uma colega de trabalho que baseou a decisão na avaliação empírica do “isto não vale notícia”. O chefe de reportagem na época, Róger Bitencourt, entretanto, considerou a idéia e orientou a repórter Roseli dos Santos para que usasse o tempo necessário no processo de investigação.

O levantamento prévio da pauta descobriu que do total de projetos aprovados em um ano, 99% eram relacionados a nomes de ruas e o único que se diferenciava tratava da instalação de sinaleiras nas saídas de garagens. A repórter descobriu, inclusive, que na garagem da Câmara não era seguida a determinação aprovada pelos vereadores. Para completar, em um dia de expediente normal a repórter não encontrou nenhum vereador, muitos gabinetes estavam fechados e

em outro os funcionários jogavam tranqüilamente baralho. Foi uma das manchetes do dia, obtida graças a decisão do chefe de reportagem.

Esse exemplo, seguido de muitas outras discussões mantidas com colegas de trabalho e com alunos dos cursos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, do Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina, em Joinville, e da Faculdade Estácio de Sá, em São José, sobre o que merece ou não ser encarado como notícia motivaram a realização desta pesquisa.

Para os que compartilham da minha preocupação sobre o conteúdo das notícias, vale lembrar a declaração de FALLOWS (1997) que diz que os jornalistas raramente são amados, mas seu trabalho é muitas vezes reconhecido através daquilo que descobrem. Além disso, segundo FALLOWS, os repórteres dão aos leitores as ferramentas necessárias para entender o mundo, que vai além da experiência direta.

2 O Que é Notícia?

Na concepção de GENRO FILHO (1987) cada disciplina científica constrói os fatos com os quais trabalha e no jornalismo a notícia é a unidade básica de informação. As notícias, segundo ERBOLATO (1991), são a matéria-prima do jornalismo porque somente depois de conhecidas ou divulgadas é que podem ser comentadas, interpretadas e pesquisadas. Embora a notícia ocupe essa posição de destaque, a definição do seu conceito não é um fator de consenso entre teóricos, estudiosos e profissionais do jornalismo que diariamente buscam fatos para veicular nos meios de comunicação.

FRANCISCATO (2002) argumenta que “o que é notícia?” representa uma das perguntas mais comuns encontradas em livros que abordam o jornalismo como objeto central de reflexão. O autor avalia, entretanto, que as tentativas de responder a essa questão não são satisfatórias:

A tentativa de definir este objeto tem produzido resultados diferentes, mas com uma predominante impressão de que o esforço redundou parcial e incompleto: seja pela carência de substância e amplitude nas definições apresentadas, seja porque parece faltar uma análise articulada a um quadro mais amplo de compreensão do jornalismo e do seu papel na sociedade, ausência esta que faz o objeto notícia tornar-se um elemento isolado, descontextualizado. Mesmo bons estudos sobre notícia carecem de uma sensação de completude, talvez pela incapacidade de apresentarem conceitos que possam ser generalizados a outros campos além daqueles em que se encontram. FRANCISCATO (2002,p.1)

O que é notícia, portanto, pode ser avaliada como uma das indagações mais complexas do jornalismo. O questionamento é repleto de respostas que,

dependendo da linha de pensamento e experiência profissional, podem levar a diferentes interpretações.

LAGE (1991) assinala que podem ser elencadas dezenas de definições clássicas de notícia, mas nenhuma delas consegue atingir um ponto comum. Entre as definições citadas pelo autor estão a de Turner Catledge que considera a notícia algo que não se sabia ontem, e a de Colliers Weekly que avalia o fato noticioso como tudo aquilo que o público necessita saber.

A relação com o público para definir o que é notícia também é lembrada por AMARAL (1969) ao defender que notícia é uma informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e curiosidade de grande número de pessoas. NOBLAT (2003), inclusive, cita os manuais de jornalismo que avaliam notícia como todo fato relevante que desperta interesse público. O autor, entretanto, avalia que fora dos manuais, notícia é tudo que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. Completando esse raciocínio estaria a análise de SECANELLA (1980) que considera notícia tudo aquilo que os jornais escrevem em suas colunas e o que as emissoras de rádio e TV emitem em seus programas informativos:

MONTEIRO também compartilha a idéia de que existem várias angulações possíveis para conceituar notícia. Entre elas, estão as que a vêem não como um “espelho da realidade”, mas dentro de um outro contexto:

(...) uma construção da realidade, na qual o jornalista (produtor da notícia), teoricamente regido pela lógica da objetividade e da imparcialidade predominante no fazer jornalístico, na prática é afetado por inúmeros fatores que o levam a interagir socialmente e a realizar uma série de negociações durante o processo de produção da notícia. MONTEIRO (2002, p.144)

No universo das inúmeras definições sobre o que é notícia SCHUDSON (1988) avalia que elas podem corresponder a três categorias de ações: pessoal, social e cultural. Na ação pessoal as notícias são explicadas como produto das pessoas e suas intenções. Na ação social as notícias são encaradas como um produto das organizações e seus constrangimentos. E na ação cultural as notícias

são conceituadas como um produto da cultura e dos limites impostos por ela. O próprio SCHUDSON reconhece, contudo, que essas divisões são abstratas e insuficientes para explicar os condicionamentos sobre a notícia isoladamente.

TRAQUINA (1988) observa que as notícias não podem ser vistas como imergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real porque acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento”.

A falta de consenso sobre o conceito de notícia acontece porque a essência do fato noticioso está relacionada com o público que carrega diferenças sociais, econômicas, políticas e geográficas.

Em outras palavras, quer-se dizer que um acontecimento social aqui no Brasil não tem necessariamente a mesma importância que teria em outro país. É claro que o beisebol vira fato jornalístico nos Estados Unidos da América e não apresenta interesse para o brasileiro. Mas para ambos, é o esporte de modo geral que atrai as pessoas. Então, é no homem, como ser social, como ser político, cumprindo suas funções e papéis, que a compreensão do fato jornalístico deve ser buscada. SILVA, M (1997, p.13)

Entre tantas definições sobre o conceito de notícia, ERBOLATO (1991) salienta que nenhuma delas classifica de modo satisfatório o que é notícia, já que até mesmo os teóricos dizem como ela deve ser, mas não o que realmente ela é.

A pergunta inicial sobre “o que é notícia”, no entender de FRACISCATO (2002), talvez não deva ser respondida com um único conceito. A explicação, segundo o autor, estaria no fato de que a variabilidade do objeto existe, e os esforços conceituais mostraram-se, até o momento, teórica e metodologicamente insuficientes.

2.1 Estudos sobre o que é a notícia

O estudo das notícias é uma preocupação que aparece registrada desde o século XVII. KUNCZIK relacionou essa longa tradição sobre a discussão dos critérios de seleção de notícia :

No Schediasma Curiosum de Lectione Novellarum, de 1676, Christian Weise afirma que ao selecionar as notícias se deve separar o verdadeiro do falso. Daniel Hartnack, em 1688, também tratou do problema da seleção de notícias em seu Erachten von Einrichtung der alten teutschen und neun europäischen Historien, enfatizando a importância dos fatos. As conseqüências de um acontecimento eram decisivas para se decidir se ele seria divulgado ou não” KUNCZIK (1997, p. 241)

A primeira tese sobre jornalismo, denominada “*De relationibus novellis*”¹, foi defendida, no dia 8 de março de 1690, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, pelo estudante Tobias Peucer (MELO, 2001). KUNCZIK relata que, nesse trabalho que abordava a publicação de jornais na Alemanha, Peucer afirmou que só deveriam ser escolhidos para publicação os fatos que merecessem ser lembrados e conhecidos. A vida particular da aristocracia, crimes hediondos, especulação sobre assuntos de Estado, obscenidades e o que prejudicasse a religião deveriam ser evitados.

Da infinidade de teorias que tentam explicar o que é jornalismo e, conseqüentemente, o que é notícia, TRAQUINA (2000) observa que nenhuma delas se exclui mutuamente porque na sua essência não são puras ou necessariamente independentes umas das outras. Uma das teorias mais antigas oferece a idéia de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina e tem como ponto-chave o jornalista como um comunicador preocupado apenas em procurar a verdade e repassá-la como informação.

Os dois momentos históricos mais importantes dessa teoria aconteceram em meados do século XIX, com a introdução de um “novo jornalismo” caracterizado pela cisão entre fatos e opiniões, e no início do século XX com a adoção do conceito de objetividade na notícia.

O primeiro momento foi defendido pelas agências de notícias como a Reuters (Inglaterra), Associated Press (Estados Unidos) e Havas (França) entre 1830 e 1860. As agências defendiam que esse novo formato facilitava a distribuição das notícias para públicos mais heterogêneos. A segunda fase trouxe à tona a discussão de que, em alguns casos, os fatos podem ter uma origem duvidosa provocada pelo surgimento da atividade de relações públicas e da propaganda relacionada à Primeira Guerra Mundial.

Paralelamente ao surgimento do “novo jornalismo” as discussões sobre o que deveria ser notícia começaram a ganhar espaço. Traquina (2000) aponta que o sociólogo alemão Max Weber escreveu sobre as notícias em um trabalho publicado em 1918 e o sociólogo norte –americano Robert Park refletiu sobre a natureza delas em 1922. Nesse mesmo ano, Walter Lippmann empregou em um estudo sobre as notícias o termo “valores informativos” que significa, segundo a análise de KUNCZIK (1997) as suposições intuitivas dos jornalistas com referência aquilo que interessa a um público determinado, aquilo que chama a sua atenção.

Segundo TRAQUINA, o grande marco dos estudos sobre as notícias aconteceu em 1950:

...a publicação de um artigo na revista acadêmica mais antiga desta área científica, *Journalism Quarterly*, iria constituir um marco histórico no estudo do jornalismo. No seu artigo, David Manning White aplica o conceito de “gatekeeper” ao jornalismo, originando assim uma das tradições mais persistentes e prolíferas na pesquisa sobre notícias. Na teoria de White, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde um fluxo de notícias tem de passar por diversos “portões” (os famosos gates) que são momentos de decisão em relação aos quais o gatekeeper (o jornalista) tem de decidir se vai ou não escolher essa notícia.” TRAQUINA (2000, p.16)

Nas décadas seguintes, as notícias foram estudadas por vários prismas que incluíram questões organizacionais, ideológicas e de linguagem dos veículos de comunicação. No final do século XX, avalia TRAQUINA (2000), as propostas

¹ O tradutor brasileiro Paulo da Rocha Dias, com base no texto latino original, bem como nas versões prévias para o alemão e o catalão, adaptou esse título para “os relatos jornalísticos”, na nova versão em

apresentadas para se compreender as notícias se tornaram muito mais complexas do que a teoria do “gatekeeper” dos anos 50. Por isso, o autor considera que estudar jornalismo e, por extensão, as notícias, tornou-se um exercício obrigatório.

2.2A notícia ao longo da história

As transformações tecnológicas ditaram boa parte das profundas mudanças na forma de captar, produzir e transmitir as notícias na história da humanidade. O escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, por exemplo, noticiou a descoberta do Brasil por meio de uma carta manuscrita enviada de caravela a Portugal.

“Senhor, Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer! Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem fear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.²

De acordo com FERREIRA, M. (1981), embora a descoberta oficialmente tivesse acontecido no dia 22 de abril de 1500, apenas no dia dois de maio a correspondência seguiu caminho à corte de Dom Manuel. A notícia demorou cerca de dois meses para chegar ao destino, mas, mesmo assim, foi encarada como

língua portuguesa.

² Dois primeiros parágrafos da carta escrita por Pero Vaz de Caminha.

factual pelos portugueses³. Para os padrões jornalísticos da atualidade, onde o tempo real é uma das características marcantes, o atraso seria considerado um absurdo impensável.

Atualmente, os avanços na área de telecomunicações, segundo relata SQUIRRA (1988), têm sido fundamentais para o desenvolvimento e incremento da informação permitindo a divulgação instantânea de imagens e sons pela televisão, o acesso ao telefone celular e internacional, a troca de informações entre computadores e o acesso aos bancos de dados. Também é importante salientar que o avanço tecnológico dos meios de comunicação é acompanhado do crescimento do público que tem acesso às informações. Enquanto o rádio demorou 38 anos para conquistar 50 milhões de usuários nos Estados Unidos, a TV aberta levou 13, a TV a cabo demorou 10 e a Internet, apenas cinco. (CAMPOS, 2001)

O volume e a variedade de informações disponíveis ao alcance de qualquer cidadão crescem diariamente. Um estudo da School of Information Management and Systems (SIMS) da Universidade da Califórnia prevê que a humanidade produziu, nos primeiros três anos deste novo milênio, mais informações do que o volume gerado nos 300 mil anos anteriores. E que, em pouco tempo, esse volume de dados será duplicado a cada ano.

O aperfeiçoamento dos satélites de comunicação nos permite acompanhar ao vivo, não importando a distância ou fuso horário, um acontecimento em qualquer parte do mundo e até as viagens de reconhecimento a outros planetas. Se o Brasil fosse descoberto hoje, o fato, com certeza, ainda seria veiculado, mesmo que tivesse que disputar espaço com outras notícias, mas a informação daria a volta mundo em muito menos tempo que o gasto por Pero Vaz de Caminha para escrevê-la.

Entretanto, até chegar a esse estágio, a difusão da informação foi permeada por vários fatores. RIZZINI (1977) relata que nos chamados Mármore de Paros, guardados na Universidade de Oxford, estão registrados fatos do

³ Segundo relato pessoal do historiador Carlos Humberto Correa, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

cotidiano da Grécia desde a fundação de Atenas até 354 anos antes de Cristo, e na Pedra de Palermo estão reunidas crônicas dos reis do Egito.

No Império Romano, 69 anos antes de Cristo, Júlio Cesar ao assumir o poder determinou que fossem diariamente redigidas e publicadas as *Acta diurna* que traziam os atos dos senadores e seus discursos. Com o passar do tempo outros assuntos foram incorporados como nomeações de funcionários, discursos políticos, nascimentos, casamentos, divórcios, espetáculos e outros.

A publicação diária das *Acta diurna* perdurou por 500 anos tendo como características a atualidade e a variedade dos assuntos. Nos estados clássicos, de acordo com LAGE, os sistemas sociais de difusão eram divididos da seguinte forma :

1. o oficial, constituído por mensageiros ou arautos que levavam à população decisões e conclamações do poder leigo; sacerdotes, incumbidos da tarefa de convencimento e da mobilização comunitária; e artistas (poetas e atores, em forma lingüística, mas também pintores, escultores e arquitetos), empenhados na exaltação do estado ou da fé;
2. o privado, constituído por trovadores que receberam, em épocas e países diferentes, diversas denominações (na Grécia, aedos); por eles transitavam histórias centradas em enredos fantásticos ou envolventes, geralmente com localização e temporalidade imprecisas. Pode-se acompanhar, ao longo dos anos, o trajeto de alguns desses contos, como As aventuras de Cid, ao longo de décadas, pela Europa Medieval. LAGE (2002, p. 2)

Na Europa Central, os predecessores dos jornalistas atuais eram os poetas viajantes que usavam a oralidade para reportar e comentar os acontecimentos diários nas feiras, mercados e cortes aristocráticas. Os primeiros jornalistas-escritores foram os correspondentes dos príncipes governantes, das cidades imperiais, das cidades-estado ou das grandes casas comerciais. (KUNCZIK, 1997)

Na Veneza do século XVI, aconteceu o lançamento dos *Avvisi*⁴, a primeira coleção de distribuição profissional e comercial de notícias para o público. A seleção de informações dos *scrittori d'avvisi*⁵ era abrangente e o material copiado e vendido.

O perfil editorial do século XVI, de acordo com KUNCZIK (1997), foi marcado por assuntos “maravilhosos” e “assustadores” e os editores enfatizavam que as informações eram verdadeiras raridades.

LAGE assinala que, em uma transição marcada por 150 anos, a alfabetização, a expansão dos serviços de correios e a luta da burguesia pelo poder foram fundamentais para a consolidação da imprensa periódica no início do século XVII.

A influência do desenvolvimento das cidades no plano econômico e político trouxe à imprensa uma mudança nos critérios de noticiabilidade. Os primeiros jornais circularam, de acordo com LAGE (2001), a partir de 1609, em centros de comércio, ligados à burguesia, e os primeiros jornalistas incumbiram-se de difundir as idéias burguesas.

GONÇALVES (1998) também reconhece que o jornalismo sempre esteve ligado a história das cidades e no início do século XVII uma das principais funções da atividade era estabelecer um vínculo de comunicação entre os entrepostos comerciais mais importantes, garantindo assim aos banqueiros o conhecimento da realidade dos mercados nas cidades européias e asiáticas.

Por um longo período, o jornalista foi essencialmente um publicista. O público esperava dele orientações e interpretação política:

Os jornais publicavam, então, fatos de interesse comercial e político, como chegadas e partidas de navios, tempestades, atos de pirataria, de guerra ou revolução; mas isso era visto como atração secundária, já que o que importava mesmo era o artigo de fundo, geralmente editorial, isto é, escrito pelo editor – homem que fazia o jornal praticamente sozinho. LAGE (2001, p.10)

⁴ Palavra da língua italiana que significa “aviso”

⁵ Escritores de avisos.

Algumas décadas mais tarde, os aristocratas também promoveram a edição de jornais que divulgavam temas de interesse da aristocracia, dedicando muito espaço, por exemplo, aos casamentos, viagens de príncipes e festas da corte.

Na avaliação de GONÇALVES (1998) , o jornalismo levou quase duzentos anos para transformar-se em uma atividade de massas e só no fim do século XIX ganhou o status de elemento fundamental nas sociedades complexas.

LAGE (2001) conclui, inclusive, que o século XIX europeu mudou radicalmente as condições em que se exercia o jornalismo. Nesse período, as cidades são descobertas como grande fonte de notícias e os assuntos do governo e do comércio não são mais os únicos a ganhar destaque. Os jornalistas começam, então, a procurar fatos que tenham um interesse coletivo.

O surgimento da figura do repórter é motivado por uma cultura mais popular e objetiva que não se interessa mais pela guerra de opiniões entre a aristocracia e o governo burguês.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista. LAGE (2001, p.16)

No século seguinte, a informação ganha um novo status. De acordo com LAGE (2001), no século XX estar bem informado passou a ser essencial à vida das pessoas. A informação não é mais apenas sinônimo de acréscimo cultural ou recreação.

2.3 A introdução do Jornalismo no Brasil

No Brasil, a difusão de informações e idéias foi marcada pelas condições impostas pela empresa colonial burguesa que reprimia as tentativas de montar

tipografias, embora em Lisboa existissem oficinas tipográficas desde 1478, pouco tempo depois de Gutemberg ter inventado os caracteres móveis.

RIBEIRO considera que as grandes distâncias e a pouca cultura da população prejudicavam a difusão das informações.

Nos séculos XVI e XVII a correspondência era trazida de Portugal de maneira informal e intermitente por viajantes, marinheiros, jesuítas e, do interior do território, por condutores de tropas e de escravos. Apesar da precariedade e da férrea censura há registros da ação de pasquineiros, os “ruins de boca” ou “grasnadores”. Exemplo maior de protojornalismo no Brasil é o baiano Gregório de Matos, cuja obra Ronald de Carvalho considera “o nosso primeiro jornal, onde estão registrados os escândalos miúdos e grandes da época, os roubos, os crimes, os adultérios e até as procissões, os aniversários e os nascimentos. (...) Trechos dos sermões do padre Antônio Vieira também são considerados de teor jornalístico. RIBEIRO (2001, p. 21)

De acordo com RIBEIRO, os pasquins proliferavam, não se preocupavam com a veracidade dos fatos e eram escritos por apenas um redator:

Exemplo desse figurino é Cipriano Barata, o panfletário mais notável do Primeiro Reinado e das Regências Trinas. Barata foi jornalista, político, líder popular e humanista; com a sua pena fazia a pregação pela independência do Brasil, pela República e pela Abolição. (...) O poder político do jornalismo conduziu vários de seus militantes, como Evaristo Veiga e Luís Augusto May, a mandatos parlamentares. Também o clero forneceu numerosos quadros de diferentes matizes políticos para a imprensa; um dos grandes jornalistas brasileiros foi Frei Caneca, com seu Tífis Pernambucano. RIBEIRO (2001, p. 24)

Até a República o jornalista era uma espécie de ativista político que usava o jornal como veículo para divulgar suas idéias. O Correio Braziliense, o primeiro jornal brasileiro lançado em junho de 1808, retrata esse perfil. Com a Proclamação da República, 14 anos depois, ele deixou de circular.

Outro jornal, o Diário do Rio de Janeiro, surgido em junho de 1821, dá demonstrações de distanciamento das questões políticas e preferência por informações de utilidade pública, como anúncios de escravos fugidos e previsão do tempo.

No início do século XX, o Brasil se depara com a transição do processo artesanal para o empresarial da produção e administração dos jornais. Esse período também marca o surgimento dos principais jornais do país, ainda hoje em circulação, como O Globo e o Jornal do Brasil.

LAGE (1981) avalia que, muito rapidamente, com a conquista do grande público, as notícias passaram a ser artigos de consumo, sujeitos a acabamento padronizado e embalados conforme as técnicas de *marketing*.

Esse contexto é o passo inicial para se compreender o surgimento ou fortalecimento de fatores que influenciam até hoje o processo de seleção das notícias. Se em um determinado período da história a única preocupação era publicar notícias para veicular ideologias políticas, o século XX agregou ao jornalismo novas concepções que marcaram e solidificaram seu novo perfil.

3 A Questão da Noticiabilidade

O século XX trouxe uma nova relação da notícia com o público. Se na fase inicial o jornalismo foi publicista e no século XIX tornou-se educador e sensacionalista, a marca do século XX foi o do jornalismo-testemunho. LAGE assinala que saber o conteúdo das notícias tornou-se essencial à vida das pessoas :

Para o planejamento de qualquer atividade prática - da escolha da carreira profissional a uma compra a prazo, investimento financeiro ou ida a uma casa de espetáculos – as pessoas necessitam de informações que estão nos veículos de comunicação ou podem ser inferidas a partir do que eles noticiam. LAGE (2001, p. 21)

Na escolha dos acontecimentos que serão transformados em notícia, os critérios de importância funcionam conjuntamente. São as várias relações e combinações que acontecem entre os diferentes valores/notícia que

“recomendam” a seleção de um fato. A determinação da noticiabilidade acaba se transformando no resultado de um entrelaçamento de vários fatores que têm pesos diferenciados (WOLF, 1986).

Várias etapas desse processo são citadas por FAUVET:

Entre o acontecimento e a sua divulgação existe uma série de fases de ordem técnica e psicológica. Entre o momento em que os observadores presenciam um acontecimento, em que o jornalista, o correspondente recolheram o seu testemunho, o momento em que a agência noticiosa faz uma seleção à saída e à chegada, o momento em que, no jornal, se leva também a cabo uma seleção, existe uma série de operações intervindo em cada uma delas um elemento de ordem psicológica, de seleção e sistematização. O que é interessante, importante ou significativo para uma agência, um redator ou um jornal, pode não ser para outro. FAUVET (1979, p. 13)

SEABRA (2002) também argumenta que entre a ocorrência de um fato e sua divulgação pela imprensa, existem canais intermediários, como a sociedade, igrejas e sindicatos, ou outros interesses subjetivos, entre eles ideológicos e éticos, que influenciam a decisão de veicular ou não uma notícia.

Outra análise, feita por SCHUDSON, identifica alguns fatores que influenciam a seleção noticiosa :

A criação de notícias é sempre a interação de repórter, diretor, editor, constrangimentos da organização, da sala de redação, necessidades de manter relações fortes com as fontes, os desejos da audiências, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas freqüentemente operam sem as pensar. Pode ser que os repórteres se apercebam dos conflitos entre eles próprios e os diretores pelo controle das reportagens. Do que parece menos provável eles se aperceberem é que muito do poder sobre as reportagens já é controlado pelos constrangimentos da organização social e pelas tradições culturais. SCHUDSON (1988, p. 26)

Os estudos que se propõem a entender a noticiabilidade, avalia FRANCISCATO, trabalham genericamente com pelo menos duas premissas:

(...) é possível encontrar no evento noticioso características estáveis e recorrentes que revelariam sua especificidade; esses critérios são, de alguma forma, manuseáveis por jornalistas no seu cotidiano profissional, servindo concretamente como técnica ou recurso de trabalho. Os critérios

de noticiabilidade ou valores noticiosos têm recebido diferentes formulações na literatura sobre jornalismo. Termos como "news value" ou "news judgement" originaram-se de um 'jargão' comum nas redações jornalísticas. FRANCISCATO (2002, p. 1)

ERBOLATO enfatiza que o primeiro trabalho do jornalista é escolher qual notícia será veiculada, pois milhares de fatos acontecem em todo o mundo, a cada instante, e nenhum veículo de comunicação teria condições de cobrir todas as notícias :

(...) estão ocorrendo casamentos, mortes, nascimentos, furacões, incêndios, inundações, desastres (de trens, ônibus, de aviões), guerras (...) assassinatos ou desmoronamentos. Poderiam ser todos publicados? Evidentemente, nenhum jornal, nem mesmo The New York Times em suas edições dominicais teria espaço suficiente para registrar, ainda que apenas em duas ou três linhas para cada um, todos os fatos da véspera. ERBOLATO (1991, p. 50)

O autor identifica 24 critérios que, embora não sejam unânimes entre os jornalistas, podem identificar as faixas de interesse do público e nortear a decisão dos jornalistas para decidir ou não pela veiculação do fato. Entre eles estão os critérios de proximidade, consequência, interesse pessoal, utilidade, expectativa e raridade.

De acordo com GOMIS, existem dois critérios que são constantes no processo de avaliação do que pode ser veiculado como notícia: o importante e o interessante. Para o autor, os dois adjetivos podem ser considerados como valores básicos no mercado da notícia porque têm condições de representar a realidade social em que vivemos:

(...) O interessante porque o interesse é o termo mais freqüente, o mais usado nas definições da notícia, se um fato não interessa ao público, tampouco convém ao meio inclui-lo em seu menu informativo. O importante, porque desde o aparecimento da imprensa se tem considerado que se o importante ocorre, ou seja, se acontece algo que pode afetar a população, o fato deve ser comunicado na forma mais rápida e popular de conhecimento que existe: a notícia. GOMIS (2002, p.226)

O autor também observa que as notícias importantes são mais raras e não podem deixar de ser veiculadas; já as interessantes são mais abundantes e podem deixar de ser mostradas. Dentro deste contexto, as notícias importantes ganham escalonamento durante muitas edições, e as interessantes têm repercussão apenas em um único dia, restando apenas os comentários que podem durar alguns dias.

Uma das referências mais usadas para análise da noticiabilidade, de acordo com FRANCISCATO, é a “teoria do espelho”. A idéia é que as características principais da noticiabilidade de um fato estariam no próprio fato, independente da atividade jornalística:

(...) cabendo apenas ao jornalista a tarefa de, à semelhança de um espelho, refletir a imagem (o evento) para um público. Foi nesta compreensão que surgiram algumas tipologias de notícias, como as "hard news" (notícias urgentes e importantes) e "soft news" (notícias leves e agradáveis, sem o imperativo da tempo), em que a característica do evento conduzia a classificação e o aproveitamento do relato jornalístico produzido. FRANCISCATO (2002, p.3)

De qualquer modo, independente do veículo de comunicação, os jornalistas precisam encontrar notícias. Para cumprir essa tarefa, a maioria dos veículos contam com a figura do pauteiro, o profissional responsável pelo planejamento das coberturas. De acordo com o organograma das redações, o jornalista que ocupa esta função é um dos primeiros a ser questionado em relação ao fluxo das notícias que garantirá a edição do dia. Neste processo, entretanto, também podem ser incluídos repórteres, editores, chefes de reportagem e redação ou qualquer outro jornalista que ocupe uma função que faça parte do processo de seleção das notícias. Esse processo é cercado de muitas influências, as principais delas serão elencadas neste capítulo.

3.1 Critérios Pessoais

Por meio de um estudo de caso, publicado em 1950, David Manning White tentou identificar quais seriam os critérios que determinam se uma informação deve ou não ser descartada. White observou a atuação de um jornalista, com 25 anos de experiência, que trabalhava em uma cidade de 100 mil habitantes, e que tinha como tarefa selecionar, entre a grande quantidade de informações que chegavam das agências de notícias, quais seriam veiculadas.

O resultado foi o seguinte: dos 1.333 motivos apresentados para explicar porque uma notícia não havia sido usada, 800 se referiam a falta de espaço e 300 abordavam que o assunto já havia sido tratado em outra notícia, a qualidade do texto não era boa ou que não existia interesse jornalístico. Outros 76 casos se referiam a acontecimentos em áreas muito distantes que certamente não interessariam ao leitor.

Para White, os dados demonstraram que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário. Uma conclusão que, para SCHUDSON (1988), pode ser designada de “ação pessoal” porque as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções .

Quando os diretores da Time ou da Newsweek têm a sua reunião de segunda-feira para escolher a história da semana, de onde lhes vêm as idéias? Não de escrutínio desapassionado dos acontecimentos mundiais, mas das conversas que tiveram com familiares e amigos durante os jantares do fim de semana ou em recepções. Assim, a notícia escrita e orientada para a classe média superior reproduz-se a si mesma. Esta é a mais poderosa das explicações pela ação pessoal. SCHUDSON (1988, p. 21)

O imaginário do jornalista, na avaliação de SILVA, J. também é um seletor das notícias :

O sujeito escolhe o que escolhe por convicção. A maioria dos editores brasileiros certamente acharia “chato” um texto de 200 centímetros sobre a sociologia da comunicação. Em contrapartida, entregaria com facilidade quatro ou cinco páginas para uma nova gravidez da Xuxa. Nem precisa o patrão mandar. (...) Mercado e mentalidade jornalística caminham hoje de mãos dadas. SILVA, J. (2000, p. 25)

VAN DIJK (2001) considera que a experiência de vida e o repertório cultural adquiridos pelo jornalista influenciam na percepção que ele tem dos fatos. As informações colhidas pelo jornalista, seja por observações, declarações ou por meio de textos, e a decodificação delas finalizam em um componente individual :

Os modelos pessoais podem ser diferentes, devido às diferenças biográficas e, em consequência, podem controlar o processamento de diferentes maneiras. Devido ao conhecimento e às crenças variadas que existem sobre uma situação, distintos usuários da linguagem podem perceber diferentes tipos de informação num texto e atribuir-lhe significados variáveis” VAN DIJK apud MEDITSCH (2001, p. 71)

SILVA, J. também compartilha da mesma avaliação :

“...o jornalista é humano e funciona a partir de uma bagagem cultural e ideológica. Seleciona, recorta, veta, vê, não vê. Instalado aprende a conhecer o domínio do patrão e a terra livre onde pode decidir, favorecer este ou aquele, ou simplesmente anular os indesejáveis.”
SILVA, J. (2000, p.24)

Muitas vezes, no mesmo lugar em que há três pessoas, acontece algo que só o jornalista vê (MEDINA,1982) porque ele acaba sendo um profissional que tem a capacidade de ver as coisas como os outros não vêem (RIBEIRO,1994). E mesmo assim, cada jornalista impõe uma maneira particular de interpretar um fato. REZENDE transcreve um exemplo relatado por Mário Marona, então editor-chefe do Jornal Nacional que ilustra a afirmação:

Num curso de jornalismo para jovens profissionais, que implantei no jornal O Globo fizemos um exercício interessante. Os oito alunos fizeram uma entrevista coletiva e nenhuma matéria que resultou dessa entrevista era igual. Todas tinham diferenças de interpretação. REZENDE (2000, p.49)

Os objetivos pessoais e as expectativas relacionadas aos fatos, também influenciam a percepção dos jornalistas. Eles podem estar presentes na prensa

de terminar a tarefa do dia, na preocupação de atrair o público ou na ambição de ganhar destaque profissional.

3.2 Interesses do Público

Os vínculos que os jornalistas estabelecem com o público, aponta FRANCISCATO, são complexos e ainda não diagnosticados de modo suficiente.

Num primeiro momento, há uma situação de 'diálogo' em que um público manifesta expectativas, necessidades e interesses em relação ao conteúdo jornalístico. O jornalista busca captá-los, re-elaborá-los na forma de um produto noticioso e mesmo interferir neles ao propor conteúdos que se baseiam em valores dos próprios jornalistas sobre a profissão e a sociedade. Em seguida, a notícia, ao ser veiculada, torna-se 'documento público', cujo conteúdo é (re)-apropriado e utilizado pela sociedade. Portanto, a formulação de um modelo explicativo que acentue o papel de atuação do jornalista, particularmente na forma como ele opera os critérios de noticiabilidade, precisa dar conta destes três processos por meio dos quais o jornalismo se constituiu nas sociedades contemporâneas. FRANCISCATO (2002, p. 11)

Dentro deste contexto, MEDINA afirma que os interesses do público podem influenciar a seleção das notícias :

Há uma escala teórica já relativamente bem estabelecida: seja na perspectiva afetiva das emoções primárias que exigem certos conteúdos, na esfera racional que pede informações originais ou no âmbito da vontade de um público que quer estar informado para participar, os interesses representam para a notícia um termômetro indispensável. E é em torno dessa identificação da mensagem com o gosto do público, que se teoriza o critério da proximidade da informação. MEDINA (1988, p. 20)

A maioria dos profissionais acredita que as suas seleções coincidem com o que o público deseja saber. WOLF considera que a imagem que o jornalista faz do público é uma espécie de profecia que se auto verifica. As necessidades do público, porém, são ainda pouco conhecidas pelas emissoras e por seus profissionais. Embora sejam realizadas pesquisas de audiência, muitas definições relacionadas à programação são baseadas apenas em suposições.

LAGE assinala que a instituição de pesquisas para saber que tipo de assunto o público gostaria que fosse abordado como notícia é uma metodologia que apresenta falhas :

Geralmente a referência para se saber o que o leitor gostaria de ler são pesquisas de opinião, quantitativas (estatísticas) ou qualitativas (em grupos menores que aprofundam um tema). No entanto, há uma infinidade de situações que não podem ser previstas nesses levantamentos e diante das quais surgem dúvidas e ocorrem erros estratégicos. LAGE (2001, p.25)

Acertar ou errar na decisão de veicular um fato como notícia pode ser determinado, segundo a análise de GOMIS, pelo que fazem os demais meios com os quais se compete. Dessa avaliação depende ou não a repercussão da notícia, pois quanto menor a repercussão, menor a importância do fato.

A noticiabilidade, isto é, a capacidade que um fato tem de ser transformado em notícia, pode medir-se por sua repercussão, seja no próprio meio, seja nos concorrentes. O conceito de repercussão integra o interessante e o importante, os comentários provocados e as consequências registradas. GOMIS (2002, p.230)

RIBEIRO salienta que ao divulgar uma notícia, a imprensa elege uma ocorrência que afeta diretamente um grupo restrito e a transforma em um fato capaz de mobilizar e emocionar toda a sociedade:

Ao dar dimensão pública ao que era privado, a imprensa cria aquele acontecimento para a sociedade. "Se não é noticiado, um fato não tem

impacto e talvez nem exista”, sintetiza Gay Talese. No entanto, é exagero pensar que os jornais inventam fatos ou fabricam importâncias. A médio prazo, têm fracassado as tentativas de brigar com a notícia – exemplo clássico ocorreu em 1984, quando a TV Globo tentou inutilmente ocultar a existência da Campanha das Diretas. RIBEIRO (2001, p.11)

SILVA, M. defende que na atualidade o mercado comanda, o manual de redação adapta-se a ele e o jornalista, mesmo convencido de seguir rigorosamente a norma, limita-se a fazer a vontade do consumidor. A essência do fato jornalístico estaria relacionada com a do ouvinte, do telespectador e a do leitor. Cada um deles carrega diferenças sociais, econômicas, políticas e geográficas que influenciam uma definição do que interessa como notícia.

O autor relata que todos os manuais de imprensa e compêndios de jornalismo relacionam o valor da notícia ao interesse e importância que ela tem para o leitor, ouvinte e telespectador. GARCIA MARQUEZ (1996, p.13) entretanto, acredita que o distanciamento do jornalista com o público é cada vez maior. Para ele, “ (...) as redações são laboratórios assépticos para navegantes solitários, onde parece mais fácil comunicar-se com os fenômenos siderais do que com o coração dos leitores. A desumanização é galopante.”

KOTSCHO também tem a mesma avaliação de GARCIA MARQUEZ sobre o comportamento dos jornalistas nas redações :

Quando você vai hoje a uma redação, pode achar que errou de endereço e entrou por engano em uma repartição pública. Encontra lá cada um quietinho diante do seu terminal, cumprindo uma função determinada pelo manual, burocraticamente. KOTSCHO (1998, p.187)

3.3 Constrangimentos organizacionais

Na constatação de SILVA, J. que os repórteres principiantes descobrem cedo que, as suas melhores pautas muitas vezes podem ser contestadas pelo editor. Uma função que, na avaliação do autor, tem um papel importante nesse processo:

O editor é o representante do leitor e detesta correr riscos. Mais do que isso, editor é aquele que pensa como suposto leitor ou que abdica das suas idéias para pôr-se no lugar do consumidor. O melhor editor é aquele que não tem uma só idéia própria e vive em sintonia com o leitor para o bem da empresa onde trabalha. SILVA, J. (2000, p.21)

MEDITSCH (2001) aponta que o conceito de gatekeeper apresentado por White foi criado anos antes pelo psicólogo Kurt Lewin e destinado aos estudos de dinâmica de grupo. A análise de Lewin, apresentada em 1947, identificou que as informações circulavam de maneira desigual dentro dos grupos porque algumas pessoas funcionam como barreiras de seleção decidindo se as informações seriam passadas ou bloqueadas. MEDITSCH transpõe esse conceito à mediação organizacional na produção das notícias:

Nos departamentos de jornalismo das emissoras observadas, cada nível hierárquico funciona como um gatekeeper das informações e orientações estratégicas que vem do topo da organização. Dessa forma, quanto mais alto o nível, mais serão explicitadas as razões empresariais. Nos níveis mais baixos, onde os interesses pessoais e os valores profissionais podem se contrapor mais diretamente àquelas razões, já não chegam essas informações, mas apenas as determinações práticas que delas decorrem. A não ser em momentos de crise aberta, os níveis hierárquicos superiores não prestam contas de suas decisões aos inferiores e, quando eventualmente o fazem, respondendo a alegações baseadas em valores do profissionalismo, podem argumentar que tomaram uma decisão em função da visão de conjunto e das informações que os níveis inferiores não dispõem. MEDITSCH (2001, p. 84)

A organização jornalística, enfatiza FRANCISCATO foi um dos campos privilegiados de investigação para os pesquisadores da linha de estudos

denominada de "Newsmaking". A partir da década de 70, os estudiosos identificaram as influências que as rotinas do trabalho jornalístico e os constrangimentos da estrutura organizacional de uma empresa têm causado sobre a produção da notícia.

Eles têm buscado perceber como o ritmo produtivo imposto pelas modernas administrações normatizadas, particularmente o planejamento das ações mediante um critério de economia de tempo e de recursos, interfere na coleta, seleção e edição das informações pelos jornalistas. Os critérios de noticiabilidade, mesmo submetidos à lógica do processo de produção, tornam-se um desses fatores condicionantes do trabalho jornalístico. FRANCISCATO (2002, p.4)

A cultura das organizações, segundo WOLF, é formada por uma série de regras que são assimiladas como naturais e que definem o que é noticiabilidade :

A noticiabilidade está constituída por um conjunto de requisitos que se exige dos acontecimentos – desde o ponto de vista da estrutura de trabalho dos aparatos informativos até o ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas- para adquirir a existência pública de notícias. WOLF (1996, p.215)

TRAQUINA (1988) reforça a influência organizacional ao avaliar que as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção de notícia só podem ser entendidas inserindo o jornalista no contexto da organização para qual ele trabalha.

Para BARCELOS (1994), em uma empresa jornalística apenas o dono tem liberdade diante da notícia porque é ele quem escolhe, define as prioridades do noticiário e as proibições. SILVA completa a avaliação :

o primeiro censor é o editor em nome das regras do bom jornalismo, sem que o patrão precise andar de chicote na redação, guardando os laços para as situações mais delicadas, quando não se constrange em demitir a pedido de políticos ou amigos importantes. (...)Os empresários impõem limites editoriais aos jornalistas em função dos interesses dos anunciantes.(...) No segundo nível da estrutura informativa, a rede de convivência persiste. O jornalista "privatiza" o veículo para si. Evidentemente os jornalistas possuem capitais de influência diferentes e,

em consequência, não têm o mesmo poder de “privatização”. SILVA (2000, p. 24)

O peso dos constrangimentos organizacionais sobre o trabalho jornalístico já havia sido constatado, de acordo, TRAQUINA (2001), em um estudo pioneiro realizado sobre jornalistas, produzido por Leo Rosten e publicado em 1937. A pesquisa indicou que 60% dos entrevistados confirmaram pressões sutis para que as notícias seguissem as idéias da direção.

Quase quatro décadas depois, um outro estudo produzido por Leo Sigelman avaliou dois jornais norte-americanos e identificou três mecanismos de origem organizacional que influenciavam as notícias :

1) por osmose, com o tempo, numa maneira indireta, através de contatos informais com os seus colegas mais experimentados ; 2) através de controles diretos exercidos pelos superiores hierárquicos, particularmente, o seu poder de remodelar a notícia e atribuir tarefas e funções; 3) através de motivações materiais e normativas, especialmente o vencimento e os sentimentos de lealdade. TRAQUINA (2001, p. 64)

As conclusões de Lee Sigelmann reforçaram outro clássico estudo de Warren Breed, produzido em 1955, que também já havia levantado a teoria de que a política editorial da empresa é apreendida “por osmose”. Breed escreveu que o jornalista acaba por ser “sociabilizado” na política editorial da organização através de uma sucessão sutil de recompensa e punição. O estudo enumerou seis razões que levam o jornalista a conformar-se com a política da casa: 1) a autoridade institucional e as sanções; 2) as aspirações de mobilidade (a carreira profissional) ; 3) os sentimentos de obrigação e estima para com os seus superiores; 4) a ausência de conflitos de lealdade; 5) o carácter agradável do trabalho e 6) as próprias notícias como valor.

Em uma pesquisa sobre correspondentes estrangeiros, Leo Bogart, em 1968, avaliou de maneira direta as conclusões dos estudos anteriores afirmando que o jornalista não é apenas um homem, mas um homem de uma organização. Por isso, TRAQUINA (2001) avalia que, dentro desse contexto, o jornalista

antecipa-se às expectativas dos superiores para evitar repreensões ou, na melhor das hipóteses, retoques no material produzido.

Considerar as notícias como um produto das organizações e seus constrangimentos foi classificada por SCHUDSON (1988:20) como uma influência de ação social. As organizações são encaradas como sendo mais que a soma das pessoas que as formam, pois teriam impulsos próprios e, muitas vezes, diferentes das intenções dos integrantes que as formam.

3.4 A Relação com as Fontes e a Rotinização

A maioria das matérias jornalísticas, segundo LAGE (2001:49), não são produzidas pela observação direta. O recurso mais usado são as informações fornecidas pelas fontes, instituições ou personagens que testemunham ou participam de um evento. No trabalho jornalístico, avalia TRAQUINA (2001:88), qualquer pessoa pode se transformar em uma fonte de informação por meio de uma observação ou entrevista. As testemunhas ou envolvidos em algum acontecimento e as conhecedoras de determinado fato são fontes em potencial. LAGE (2001) considera que muitas notícias jamais seriam conhecidas, ou demorariam muito a ser, não fosse a iniciativa das fontes em divulgá-las por algum interesse próprio:

Em ordem decrescente de legitimidade, essa motivação pode ser uma obrigação moral de manter informada a sociedade; o desejo de prestigiar junto ao público e aos veículos de comunicação; a intenção de impedir que o fato se espalhe agregado a uma versão inconveniente (por exemplo, que um acidente numa fábrica seja divulgado pelo sindicato de trabalhadores, com a denúncia de falta de segurança nas instalações); a vontade de denegrir ou desmoralizar um adversário ou concorrente, etc. LAGE (2001, p.69)

Segundo relata LAGE (2001), originalmente, em todo o mundo, as fontes de informação eram funcionários públicos, políticos e diretores de empresas. Muitas notícias veiculadas em jornais do século XIX ou do início do século XX eram feitas baseadas em depoimentos de viajantes. No Brasil, até a década de 60 havia, inclusive, salas de imprensa ativas em portos e aeroportos.

Só depois da Segunda Guerra Mundial, com o crescimento do número de assessorias de imprensa é que o contato com instituições, empresas e pessoas passou a ser feito com intermediação profissional. Esse tipo de contato, entretanto, já acontecia no início do século XX. De acordo com Chaparro (2002), em 1906 o jornalista americano Ivy Lee criou um bem-sucedido projeto profissional de relações com a imprensa, a serviço de um cliente poderoso, e conquistou na história das comunicações o título de criador da assessoria de imprensa.

WOLF (1996) identifica que os problemas relacionados às fontes estão divididos em duas partes. A primeira está relacionada às fontes no sentido restrito, lembrando que esse termo identifica, a princípio, todas as pessoas que o jornalista entrevista. A segunda parte está ligada às agências de informação. LAGE conclui, inclusive, que a guerra da informação é, hoje, em várias áreas, uma guerra de assessorias de imprensa, na qual se contrapõem habilidades profissionais.

As fontes não são todas iguais e nem igualmente importantes, da mesma maneira que o acesso aos jornalistas não está uniformemente distribuído. A capacidade de fornecer informações confiáveis, além da proximidade social e geográfica influenciam o contato da fonte com o jornalista. Em algumas ocasiões a credibilidade da fonte supre a dificuldade que o jornalista tem de checar a veracidade de uma notícia. GANS assinala que a relação da fonte com o jornalista tem uma hierarquia de valorização :

Aquelas com as quais mantém contatos freqüentes podem ser valorizadas com o passar do tempo porque os jornalistas preferem fontes estáveis(...) As fontes que colaboram com os jornalistas e os tratam cordialmente têm mais chances de serem utilizadas que as outras. Os jornalistas aplicam profissionalmente os mesmos critérios que os indivíduos usam na vida cotidiana ao atribuíam mais confiabilidade às pessoas que se parecem com eles. GANS (1979, p.130)

TRAQUINA (2001) considera que a produtividade é outro critério de avaliação das fontes. Prevaecem as fontes institucionais porque, à primeira vista, fornecem material suficiente para fazer a notícia facilitando o trabalho do jornalista. Outro dado que contribui é a credibilidade adquirida com o tempo e com a rotina. Caso a credibilidade de um dado não possa ser rapidamente confirmada, o jornalista irá apoiar sua decisão na credibilidade da fonte. Levando em conta esses critérios e a relevância do fator tempo, é compreensível, segundo TRAQUINA, acatar a idéia de que as fontes estáveis, regulares e institucionais são preferidas pela comunidade jornalística.

De acordo com MEDITSCH (2001) as emissoras, inclusive, montam suas redes de captação de informações a partir de decisões estratégicas sobre: a) a importância potencial das notícias provenientes de determinadas fontes para seus públicos determinados; b) a regularidade com que estas fontes fornecem notícias novas; c) a facilidade e o custo de acesso a estas fontes; d) o número de fontes que sua estrutura e orçamento permitem cobrir simultaneamente. Determinadas fontes tornam-se, assim, rotineiras e de certa forma obrigatórias.

A divulgação de um fato por uma fonte não é uma relação gratuita. GOMIS (1991) considera que este processo começa por iniciativa daqueles que querem ganhar algo com a divulgação. Em outra etapa estariam os meios de comunicação que também esperam ganhar audiência com a divulgação do fato. As fontes estariam a fim de compensações diretas ou indiretas, no caso das assessorias de imprensa que representam o interesses alheios.

Dentro deste contexto, qualquer que seja a origem da fonte, aquelas que conseguirem manter um contato rotineiro com os veículos de comunicação oferecendo assuntos que despertem a atenção do público terão automaticamente mais prioridade.

Como as fontes de informação não são desinteressadas, TRAQUINA (1988) alerta que elas precisam provar a credibilidade para ganhar a confiança do jornalista. Para os profissionais da imprensa, as melhores fontes são aquelas que já demonstraram a sua credibilidade e nas quais o jornalista pode ter confiança.

Por isso, RIBEIRO (2001) considera que, de modo geral as fontes são garimpadas no material publicado pelos concorrentes.

Essa relação acaba resultando na repetição dos entrevistados nas televisões, rádios e jornais. Esse ciclo foi identificado por SILVA, J. (2000) como sendo um fenômeno de agenda inercial. A falta de tempo e dificuldade de encontrar fontes certas na hora desejada influenciam o processo resultante da engrenagem do sistema mídia, pois evitam os inconvenientes e anulam o imprevisto.

Para ser convidada, a pessoa precisa ser “credenciada”. A mídia, como foi visto, baseia-se no princípio da autoridade argumentativa. Assim, não se pode chamar qualquer um, mesmo que tenha algo a expressar, pois o valor do seu argumento depende da sua biografia (titulação, lugar social, currículo, etc.) Com isso, o campo dos possíveis reduz-se drasticamente no ponto de partida. Controlada pelo princípio do “credenciamento”, a agenda inercial funciona pela circularidade. Na medida em que dá visibilidade a alguém, credencia-o. Credenciado, o indivíduo torna-se superexposto. Altamente visível, deve ser chamado porque é visível. (...) A visibilidade fornece-lhe uma suposta competência administrativa. SILVA, J. (2000, p.96).

Um dos riscos mais graves da relação do jornalista com as fontes é a dependência profissional. TRAQUINA alerta que quando isso acontece o jornalista cede à tentação de escrever para a fonte e não para o público:

A dependência dos canais de rotina significa também que uma parte das notícias produzidas tem como base fontes que são profissionais no “negócio” de lidar com os jornalistas, ou seja, com pessoas que conhecem bem a mecânica do trabalho jornalístico, nomeadamente : 1) a necessidade da matéria fornecida assumir certas formas e seguir certas convenções; e 2) o reconhecimento que um “timing” cuidadoso da informação divulgada pode influenciar não só a cobertura, mas também o conteúdo da notícia publicada. TRAQUINA (2001, p. 23)

O repórter da Rede Globo de Televisão Caco Barcellos também considera que a fonte pode representar um grande perigo para o jornalista. Por esse motivo prefere não cultivá-las mantendo no máximo uma convivência respeitosa :

Todas as semanas recebo dezenas de telefonemas de pessoas que querem denunciar alguma injustiça. O problema hoje é que no meio dos bem intencionados sempre descubro alguém com má-fé, querendo nos usar como instrumentos de defesa de interesses particulares. Antigamente eu investigava para encontrar provas, levar adiante a denúncia. Hoje, freqüentemente sou obrigado a investigar para descobrir as mentiras embutidas nas falsas denúncias. BARCELOS (1995, p.20)

Boris Casoy, o âncora do telejornal da Rede Record, garante que tem a mesma postura :

O relacionamento com as minhas fontes é um relacionamento ético. Facilitei minha vida assumindo que meu compromisso é com meu leitor, meu telespectador A minha amizade com as fontes é relativa. Fiz alguns amigos depois que acabaram os interesses mútuos. CASOY (1995, p.37)

A relação com as fontes acontece em qualquer ramo de atividade jornalística, cabe ao profissional saber quando e como empregá-las dentro dos critérios que usa para selecionar notícias. O que já se sabe de antemão é que elas nunca serão desinteressadas e, por isso, não devem servir como único referencial no processo de escolha dos fatos que serão veiculados.

O processo de coleta dos dados é influenciado, na análise de WOLF, pela necessidade de dispor de uma fluência constante e segura de notícias que oportunizam a confecção do produto exigido. WOLF defende que a noticiabilidade está extremamente vinculada aos processos de rotinização e padronização das práticas de produção:

o elemento fundamental das rotinas de produção, isto é, a substancial escassez de tempo e recursos, acentua a importância dos valores/notícia, que se encontram profundamente radicados em todo o processo informativo. (...) A rotina leva os jornalistas a dar prioridade aos canais de coleta e as fontes que mais satisfazem essa exigência : as fontes institucionais e as agências. A importância de algumas que tornam possível uma cobertura programada se reflete sobre a quantidade e sobre a natureza das notícias. WOLF (1996, p. 251)

SCHUDSON avalia que a rotinização das tarefas ajuda os jornalistas a evitar erros e a defender-se das críticas às inúmeras decisões que diariamente têm de tomar em um ambiente de rápida mutação :

Enfrentar essa incerteza é difícil, então os jornais estabelecem rotinas que, apesar de poderem distorcer ou simplificar arbitrariamente o mundo dos acontecimentos, conseguem pelo menos clarificar o trabalho de reportagem (...) Os repórteres não só se agarram às rotinas para tratar com os diretores, mas também se submetem a certas regras ao tratar com as fontes e assim assegurar o fluxo contínuo de notícias. SCHUDSON (1998, p. 23)

As fontes de informações à disposição dos pauteiros são inesgotáveis, a dificuldade é definir quais merecem receber o status de notícia. Entre as várias opções como fonte de pauta podem ser citadas :

(...) Internet; press releases e informações liberadas por fontes profissionais diversas, como as assessorias de imprensa; dados que chegam ao conhecimento dos repórteres em seu trabalho rotineiro; matérias realizadas em outras praças e que podem ser adaptadas para a área de cobertura do veículo (...); cartas, telefonemas e e-mails de leitores ou de qualquer outra origem. (...) Muitas reportagens resultam da observação de fatos que geralmente passam despercebidos. É o caso de um súbito aumento do número de pedintes ou de camelôs nas ruas. Outras decorrem de inferências. Por exemplo, (...) se a moda impõe uma redução acentuada no comprimento dos vestidos, é provável que a indústria dos tecidos seja atingida. LAGE (2001, p.45)

A diversidade de fontes, registra GOMIS, é a principal responsável pelo aumento da oferta de informações na atualidade:

Os meios dão hoje mais informação. Os diários têm mais páginas, as emissoras de rádio completam seus noticiários com debates e programas jornalísticos (...) os telejornais dilatam sua duração (...). Este aumento de quantidade de informação torna-se fácil, graças à diversidade de fontes, que podem acrescentar dados interessantes e, a variedade de assuntos, que podem interessar ao público. GOMIS (2002, p. 235)

KOTSCHO avalia que na década de 60, no Brasil, a notícia fazia o caminho inverso que percorre hoje nas redações quando as manchetes e o tamanho da notícias são determinados antes dos fatos acontecerem como foram planejados.

Não existia tal como é hoje essa abominável e cada vez mais autoritária instituição da pauta, verdadeira camisa-de-força que colocam nos

repórteres transformados em meninos de recado, caçadores de aspas. Nem havia a muleta das agendas oficiais, dos press release, e eram raríssimas as coletivas. KOTSCHO (1998, p.187)

MEDITSCH (2001), inclusive, considera que a maioria das notícias não surge da iniciativa dos jornalistas, mas de atores sociais que promovem os acontecimentos que os jornalistas não podem deixar de noticiar

O produto informativo, na interpretação de WOLF (1996), parece ser o resultado de uma série de negociações, pragmaticamente orientadas, que tem por objetivo o que incluir e como incluir no noticiário. Um dos fatores que influenciam a noticiabilidade é a relação que os jornalistas mantêm com outros jornalistas que fazem da sua comunidade profissional.

TRAQUINA (2001) considera que a troca de experiências faz parte de um processo decisivo de formação de consenso que interfere no trabalho jornalístico. O exame e a validação dos colegas se transformam assim em um exame crítico que, na maioria dos casos, o jornalista não faz. O processo pode ser dividido em três saberes : (1) Saber do Reconhecimento – Capacidade de reconhecer quais são os acontecimentos que merecem destaque como notícia . Nesse processo, o jornalista aplica um conjunto de valores-notícia como a proximidade geográfica e a notoriedade; (2) Saber de Procedimento - Como proceder na coleta de dados levando em conta, inclusive, a relação com as fontes; (3) Saber de Narração - organização das informações em uma narrativa noticiosa levando em consideração as características do veículo de veiculação.

3.5 A lógica do incomum

Vários autores apontam a preferência dos jornalistas por fatos incomuns. Na avaliação de TRAQUINA (2001), isso acontece porque os próprios conceitos de noticiabilidade requerem dos jornalistas pressuposições sobre o que é normal na sociedade e , tradicionalmente, destacam o conflito e não o consenso. SILVA,M.

(1988) completa defendendo que fatos do cotidiano e normais não devem ser transformados em notícia, mas sim os fatos que apresentarem graus de anormalidade.

A facilidade de cobertura, segundo FALLOWS, é um dos motivos que influenciam a veiculação de um fato. Entre as opções, o autor define que acidentes, como enchentes, desmoronamento de prédios e furacões, mesmo que aconteçam no outro lado do mundo, têm cobertura garantida :

Por que é tão fácil conseguir espaços para esses acontecimentos nos jornais da TV? E por que é tão difícil conseguir 60 ou 90 segundos para examinar um problema político de importância muito maior ? (...) cobrir desastres é também fácil e barato. Você manda uma equipe para o local. Chegando lá, manda apontar a câmera para o que quer que esteja explodindo e a história se conta por si mesma. FALLOWS (1997, p.176)

HOHENBERG completa a análise com outra explicação para o empenho que os meios de comunicação dispõem na cobertura de catástrofes :

A resposta é bastante simples : isso faz parte da tradição do jornalismo. O rádio e a televisão, as fontes mais imediatas de notícias , servem como bons vigias ao darem a primeira cobertura. As agências noticiosas seguem o fato, fornecendo os mais intrincados detalhes, listas de mortos, extensão dos danos e a série de fatos adicionais que não podem ser transmitidos ao público dos veículos eletrônicos em volume sequer comparável. (...) São as notícias de que ninguém gosta, mas notícias que o público deve receber. HOHENBERG (1981, p.129)

KUNCZIK (1997) relata que uma das conclusões do estudo americano “A estrutura das Notícias Estrangeiras”, realizado por Johan Galtung e Mari Holmboe, identifica que quanto mais negativo for o fato em suas conseqüências, mais provável será que ele se torne notícia.

KUNCZIK também levanta hipóteses para a preferência por notícias negativas :

“Há quatro explicações possíveis da regra “As más notícias são as boas notícias. As notícias negativas entram nos canais noticiosos mais facilmente porque satisfazem melhor ao critério de frequência. Existe na vida uma assimetria básica entre o positivo, que é difícil e demorado, e o negativo, que é muito mais fácil e rápido. É mais fácil que as notícias sejam consensuais e estejam livres de ambigüidade, no sentido de que haverá um acordo à sua interpretação como eventos negativos. Diz-se que as notícias negativas são mais consoantes com pelo menos algumas pré-imagens dominantes de nosso tempo. As notícias negativas são mais inesperadas do que as positivas. (KUNCZIK 1997, p.246)

Em muitas ocasiões o público critica o negativismo veiculado nos meios de comunicação, mas FALLOWS alerta que os jornalistas têm um alibi :

Tente criticar repórteres e editores sobre seu negativismo, e eles lhe dirão que simplesmente refletem o mundo como ele é. Fazer objeções às coberturas jornalísticas - dizem eles – é apenas pôr a culpa dos fatos no mensageiro”. A imprensa, ainda segundo esses profissionais, não é responsável pelo mundo que apresenta. FALLOWS (1997, p.11)

3.6 Custos

A produção de jornalismo envolve custos que incluem desde a contratação de jornalistas até a compra de equipamentos de transmissão. Esses custos em conjunto com a lógica dos lucros transformam o orçamento da empresa em mais um constrangimento ao trabalho jornalístico.

Na avaliação de TRAQUINA (2001), o jornalismo é também um negócio e todas as empresas jornalísticas, com exceção das públicas, enfrentam a análise dos custos e das receitas. O resultado desse balanço influi diretamente no trabalho jornalístico a começar pela contratação dos jornalistas que irão executar inúmeras tarefas, como reportagem e edição. O orçamento da empresa acaba impondo constrangimentos às atividades jornalísticas.

RIBEIRO divide as condições de estrutura das empresas jornalísticas em dois segmentos que, na maioria dos casos, não estão em sincronia :

a parte da empresa (que garante o borderô) e a parte humana, essa constituída da equipe jornalística à qual o repórter está agregado. Não é comum, no Brasil, essas duas pernas estarem sincronizadas. Às vezes a empresa (o jornal, o programa de tevê ou de rádio) está disposta a bancar o jornalismo investigativo, a grande reportagem, mas o chefe da reportagem é um burocrata, o editor-chefe um puxa-saco e o diretor de redação um bolha. Nada sai. Outra hora a equipe é boa, criativa, prá frente, mas a empresa é que não solta a grana...RIBEIRO (1998, p. 115)

A redução de custos nas emissoras de rádio, por exemplo, enfrenta absurdos como o citado por BARBEIRO :

Para baixar o custo da geração de notícias recorre-se ao “gilette press”⁶. É mais barato contratar um boy para recortar jornal e levar até o estúdio do que um jornalista para redigir e checar as notícias que vão ser irradiadas Essa prática é habitual até em grandes empresas. Às cinco da tarde ouvem-se as notícias publicadas nos jornais da manhã, referentes ao dia anterior. BARBEIRO (1994, p.11)

TRAQUINA (2001) alerta que a extensão da rede que a empresa coloca para “captar” notícias está diretamente relacionada aos recursos econômicos disponíveis e essa sistemática influencia diretamente a dinâmica da concorrência entre as empresas jornalísticas, principalmente a disputa pelo “furo”.

A redução de custos, na avaliação de RIBEIRO, faz com que os meios de comunicação abandonem a prática da grande reportagem e se dediquem mais as notícias curtas do dia-a-dia:

(...) jornalismo bom – esse jornalismo de profundidade ou pelo menos que não se contenta com o rapidinho, o superficial e o perfunctório-custa caro, e as empresas jornalísticas cuidam cada vez mais do saldo médio e menos de seus compromissos com o leitor. RIBEIRO (1998, p.109)

BELLINTANI também considera que a questão econômica atinge o critério de notícia e reduz as possibilidades de execução de uma grande reportagem e, conseqüentemente, de um furo jornalístico:

⁶ Expressão usada em jornalismo para designar a seleção de notícias publicadas em jornais ou revistas para veiculação em outro meio de comunicação.

Conseguir um furo nas atuais condições de exercício da profissão, em que o fluxo industrial atropela a dedicação e parece mais importante alcançar produtividade aritmética do que produção de qualidade, é tarefa para poucos. (BELLINTANI (1999, p.16)

3.7 O fator tempo

Muitos profissionais têm uma maneira específica de lidar com o tempo, um fator importante na maioria das profissões e fundamental para o jornalista.

Esse trabalhador explicita a dimensão do tempo com sua produção, apuração e redação de notícias. A notícia se define pela novidade, pelo que é novo, sendo, portanto, o tempo que transforma o novo em velho, a novidade em conhecimento. TRAVANCAS (1993, p.34)

Na concepção de FRANCISCATO, a questão da temporalidade jornalística está ligada a uma rede de elementos:

a) um conteúdo que revela a temporalidade de uma ocorrência; b) um conteúdo que contribui para sedimentar a experiência da vida pública em um tempo e um espaço definidos, seja construindo sentidos de imediaticidade ou estabelecendo a agenda dos temas considerados relevantes à sociedade; c) uma temporalidade marcada pelo ritmo e velocidade da produção organizada industrialmente e pela periodicidade da circulação; d) uma temporalidade construída por relações discursivas e pelos 'leitores' no processo de recepção. FRANCISCATO (2002, p. 2)

SODRÉ (1983) assinala que a corrida contra o tempo exigiu da imprensa sucessivos inventos, conduzindo à velocidade na impressão, acompanhando o enorme e crescente fluxo de informações, devido ao telégrafo, ao cabo submarino

e, depois ao telefone e ao rádio. SQUIRRA (1998) acrescenta que as conquistas tecnológicas na área da informática também têm proporcionado crescentes e rápidas condições de expansão aos diversos meios de comunicação de massa.

Com exceção dos jornais impressos e on-line, os outros meios de comunicação oferecem ao público um noticiário com hora marcada para veiculação, embora seja de conhecimento comum que as notícias acontecem a qualquer momento. Por isso, TRAQUINA avalia que o eixo central do campo jornalístico é o quesito tempo, um fator que faz parte de uma complexa e estressante rotina.

Controlado pelo relógio, dedicado ao conceito de atualidade, obcecado pela pergunta “o que há de novo?” o jornalista e as empresas jornalísticas para as quais trabalham dão, sobretudo, importância ao objetivo de produzir as notícias sobre os acontecimentos mais recentes. E, na resposta aos seis “servidores” habituais no leal noticioso, os dois (como? porquê?) que mais carecem de explicação são precisamente aqueles que o leitor quer da notícia e menos encontra. Exigir isso é talvez pedir demasiado a estes profissionais inundados pela cheia de acontecimentos e assediados pela hora do fecho. TRAQUINA (1988, p.37)

Pressionadas pela tirania da hora do fechamento, conhecido nas redações como *deadline*, as empresas do campo jornalístico são obrigadas a elaborar estratégias para fazer face ao desafio de dar conta de cobrir notícias que podem surgir em qualquer parte e a qualquer momento.

O conceito de atualidade é o coração e a alma da atividade jornalística: o jornal, o telejornal são supostos a dar a conhecer o que há de “novo”, o que “acaba” de acontecer. Lemos o jornal para saber o que aconteceu ontem e não há quinze dias; e se um acontecimento que teve lugar há quinze dias é notícia, provavelmente o é porque só agora o campo jornalístico teve conhecimento do sucedido. Os acontecimentos devem ser atuais; a própria atualidade constitui um fator de noticiabilidade. TRAQUINA (1988, p. 36)

Na avaliação de TRAQUINA, a luta contra o tempo é um dos fatores que influencia a empresa jornalística a tentar planejar o futuro por meio de uma pauta

que elabora a lista dos acontecimentos previstos. O objetivo dessa medida é organizar o trabalho com uma certa antecedência.

Essa organização de tempo e espaço impede que alguns fatos sejam noticiados porque, segundo TRAQUINA (2001) tendo escapado à grelha usada para prever o fluxo de trabalho, não conseguem tornar-se notícia.

A relação do tempo com a distribuição dos jornais impressos, por exemplo, é citada por RIBEIRO como sendo uma das responsáveis pela qualidade da informação e do status do veículo perante o mercado e o público:

A distribuição justifica pesados investimentos na informatização, capaz de economizar preciosos minutos no fechamento; ela é responsável pela exigência férrea no cumprimento dos horários, mesmo que isso provoque falhas graves na informação para o leitor, como deixar de noticiar o resultado final de uma partida esportiva. (...) O atraso na distribuição significa perda de prestígio da empresa, suprema humilhação diante da concorrência, e quebra de compromisso perante o leitor. RIBEIRO (2001, p. 89)

Na concepção de SILVA, J. (2000) a falta de tempo e a pressa atraem para o jornalismo o sensacionalismo e a circularidade onde um veículo, geralmente o mais forte, vira fonte de notícia para os outros determinando o assunto do momento. A circularidade acaba de transformando em um critério de sintonia com o meio.

Outro autor que defende essa tese é MEDITSCH que considera que o acompanhamento dos noticiários de rádio e a leitura de outros meios noticiosos servem também como base para uma avaliação e controle do trabalho executado.

A observação, a partir do seu centro, do que outras instituições jornalísticas estão realizando, no mesmo momento, é o que preserva o profissional de um mergulho totalmente cego em meio à enxurrada de decisões que lhe são exigidas a cada minuto. MEDITSCH (2001, p.109)

4 Estudo de caso

A cobertura jornalística das atividades da Assembléia Legislativa de Santa Catarina foi o objeto de estudo escolhido para identificar quais os critérios que os jornalistas das quatro emissoras de TV aberta de Florianópolis utilizam para definir o que deve ser veiculado como notícia em relação ao legislativo catarinense. Os veículos de comunicação selecionados foram a RBS TV (afiliada da Rede Globo), a TV Barriga Verde (afiliada da TV Bandeirantes), a Rede SC (afiliada do SBT) e a TV Record (afiliada da Rede Record).

Uma das limitações que mais pesam sobre a prática jornalística é a necessidade de transformar um fato, na sua forma de relatar, em uma história que interessa a todos (FERREIRA, 2000). Embora os fatos possam acontecer um imprevisível número de vezes ao dia em qualquer parte do mundo, a habilidade de encontrá-los é interpretada por MEYER (1991) como a fonte de poder que os jornalistas possuem.

Essa habilidade, entretanto, está cercada de influências que delineiam os critérios que os jornalistas usam para definir quais fatos merecem ser encarados como notícia e veiculados para o público tomar conhecimento. Esta dissertação buscou apontar quais são esses critérios e as influências que os cercam usando como estudo de caso a cobertura jornalística das atividades da Assembléia Legislativa de Santa Catarina (Alesc) de 17 a 28 de fevereiro de 2003.

Uma das principais tarefas das instituições políticas e de seus representantes é servir a sociedade. GONSALVES (2003) defende que o jornalismo também teria essa função, além de prezar pelo interesse público e defender a verdade. Na relação jornalismo/política cabe acrescentar o que pensa LAGE (1999) sobre a atual função do jornalismo que não seria mais a de guiar o

público e educá-lo, mas a de muni-lo de instrumentos para que ele mesmo encontre alternativas para superar seus problemas. FRANCISCATO (2002), inclusive, argumenta que o Jornalismo, como instituição social, cumpre um papel específico, que não é executado por outras instituições.

A importância da cobertura jornalística na Alesc estaria dentro deste contexto, já que é praticamente impossível ao público acompanhar diariamente as atividades dos 40 deputados estaduais, que começaram o mandato em janeiro de 2003 e poderão exercê-lo até dezembro de 2006, e imprescindível saber o trabalho desenvolvido pelo Legislativo.

Entre as principais atribuições dos deputados estão a apresentação, discussão e votação de projetos de lei, de autoria própria, sugeridos por entidades civis ou de origem governamental, e a fiscalização dos atos do Executivo, incluindo até a definição orçamentária anual.

Além das atividades de gabinete e plenário, os deputados também podem fazer parte de uma das Comissões da Assembléia. A Alesc tem atualmente 12 Comissões Permanentes, mas pode implantar comissões temporárias ou especiais de acordo com projetos de lei que são apresentados ou assuntos de relevância. Todas as reuniões são abertas ao público e muitas delas transmitidas ao vivo pela TVAL. Entre os objetivos destas comissões está o estudo da viabilidade dos projeto de lei apresentados, já que obrigatoriamente devem passar por pelo menos duas comissões antes de ir à votação em plenário. Além disso, as comissões também fiscalizam dos atos do Governo Estadual e andamento dos seus projetos que envolvam gastos públicos, podendo convocar audiências públicas e secretários de estado para prestar informações e pedir a sustação dos atos do Executivo que ultrapassam as normas previstas na Lei.

Em 2003, os 40 deputados estaduais da Assembléia Legislativa de Santa Catarina apresentaram 964 projetos de lei, deste total 189 foram transformados em lei, depois de passarem, no mínimo, por uma das Comissões, duas votações em plenário e a sanção do governador Luiz Henrique da Silveira. O conteúdo dos projetos aprovados varia desde a concessão do título de entidade pública para associações até questões polêmicas que exigem a realização de audiências

públicas, longas discussões nas comissões e votações conturbadas em plenário. Na relação dos projetos aprovados no ano passado estão o do deputado Wilson Vieira (PT) que determina a criação do Programa Estadual de Apoio à Mulher em Situação de Violência e o de origem governamental que autoriza a abertura de crédito especial para o Fundo de Melhoria da Polícia Militar.

Os 775 projetos restantes se dividem em três categorias: em tramitação, rejeitados por uma das comissões ou aguardando a sanção do Governo do Estado. Dos que foram apresentados em 2003 e ainda estão em tramitação, podem ser encontrados o proposto pelo deputado João Rodriguez (PFL) que estipula reserva de vagas na UDESC (Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina) para estudantes da rede pública.

Entre os projetos que já foram aprovados e esperam a sanção do Governo do Estado estão o do deputado Dado Cherem (PSDB) que estipula alimentação especial para alunos portadores de diabetes e o do deputado Antonio Carlos Vieira (PP) que autoriza as Polícias Militar e Civil a usar as armas de fogo apreendidas e à disposição da Justiça.

Na lista dos projetos que foram rejeitados pelas Comissões, mas poderão ser reapresentados até o final da legislatura em 2006 podem ser encontrados o do deputado Nilson Gonçalves (PSDB) que propõe a não aplicação de multas de trânsito para os que desobedecerem sinais entre às 23h e 5h e o da deputada Ana Paula Lima (PT) que sugere a inclusão da disciplina de cidadania na rede pública estadual de ensino.

Esses exemplos demonstram que a Assembléia Legislativa catarinense pode ser uma grande fonte de pautas, embora a maioria não ganhe repercussão nos veículos de comunicação. BOAVENTURA (2003) aponta, inclusive, que os parlamentares brasileiros acusam a imprensa de ocultar decisões concretas que têm influência na vida do cidadão.

4.1 Metodologia do Estudo

Em um primeiro momento, foi feito o acompanhamento de todos os telejornais veiculados por essas emissoras a partir do primeiro dia de trabalho da Assembléia Legislativa de Santa Catarina em 2003, 17 de fevereiro, até 28 do mesmo mês. O levantamento incluiu a análise, durante 10 dias, do conteúdo de 88 exibições dos telejornais: Bom Dia Santa Catarina, RBS Notícias e JA Notícias, veiculados na RBS TV (Rede Globo); Acorde⁷, SBT Notícias e Jornal do SBT exibidos na Rede SC (SBT); Dia a Dia News e TV BV News apresentados na TV Barriga Verde (Bandeirantes) ; e Informe Santa Catarina que vai ao ar pela TV Record (Rede Record).

Cabe salientar que, para dar um parâmetro igualitário à tabulação de dados, foram analisadas as edições exibidas de segunda a sexta-feira, do período pesquisado, já que os telejornais Bom Dia Santa Catarina , Acorde, Dia a Dia News e Informe Santa Catarina não são veiculados aos sábados.

Os telejornais foram assistidos nas sedes da TV Clipagem e TV Controle, especializadas no monitoramento da programação das TVs em Santa Catarina. Por se tratar de um trabalho acadêmico, os responsáveis pelas empresas liberaram as fitas sem custo algum. A única restrição foi relacionada ao horário da pesquisa que só pode ser feita após às 20h, na TV Clipagem, e aos finais de semana, na TV Controle.

A segunda etapa do estudo de caso foi o contato direto com os jornalistas responsáveis pela produção dos telejornais, incluindo desde pauteiros até chefes

⁷ O programa foi retirado do ar no início de março de 2003.

de reportagem e editores, conforme a influência que exercem na definição dos fatos que devem ser veiculados como notícia nas emissoras. Os profissionais entrevistados responderam, no local de trabalho, a um questionário que identificou desde o processo de coleta de informações até os critérios utilizados para selecioná-las.

O primeiro levantamento da pesquisa identificou o número de vezes que as atividades desenvolvidas na Assembléia Legislativa de Santa Catarina foram veiculadas como notícia nos nove telejornais pesquisados. Os resultados foram os seguintes:

Quadro 1

Telejornal	Emissora	Horário de veiculação	Assuntos relacionados à Alesc
Jornal do SBT	Rede SC	19h às 19h30	20
Dia a Dia News	TV Barriga Verde	7h30 às 8h	12
TV BV News	TV Barriga Verde	19h10 às 19h20	6
SBT Notícias	Rede SC	12h às 12h30	5
Bom Dia SC	RBS TV	6h30 às 7h15	5
JÁ Notícias	RBS TV	12h20 às 12h30	5
Informe	Record	19h05 às 19h30	4
Acorde	Rede SC	6h50 às 7h20	3
RBS Notícias	RBS TV	18h55 às 19h15	2

De acordo com a pesquisa, os três telejornais do SBT veicularam no total 28 notícias relacionadas à Assembléia Legislativa de Santa Catarina. A TV Barriga Verde, dois telejornais, 18 notícias; a RBS TV, três telejornais, 12 notícias; e a Rede Record, com apenas um telejornal, 4 notícias.

Em porcentagens os resultados seriam os seguintes: Rede SC (SBT) – 45% , TV Barriga Verde (Bandeirantes) – 29% , RBS TV (TV Globo) – 19% e Record (Rede Record) – 6,4%.

4.2 Assuntos mais veiculados

O segundo levantamento identificou quais os assuntos relacionados à Assembléia Legislativa de Santa Catarina foram mais abordados nos nove telejornais .

Neste caso, a tabulação não levou em conta o formato de produção da notícia , mas cada vez que o tema foi veiculado no telejornal, incluindo as análises dos comentaristas políticos Cláudio Prisco Paraíso (SBT), Vânio Bossle (TV Barriga Verde) e Paulo Alceu (RBS TV).

Em muitos casos, os editores reaproveitaram nos telejornais reportagens veiculadas em outros programas da emissora. Em outras situações o tema se repete, mas com atualização de números e outras informações ou ainda com repercussão. A tabulação pontuou, portanto, cada vez que uma notícia relacionada à Assembléia foi exibida, não levando em conta se era veiculada pela primeira vez, reapresentada, tema de comentário político ou repercussão.

Cabe salientar que o período pesquisado é relacionado às duas primeiras semanas de trabalho do legislativo catarinense em 2003, um espaço de tempo onde todas as atividades da Assembléia Legislativa funcionaram normalmente,

como as reuniões das Comissões e bancadas dos partidos, sessões do plenário, atendimento nos 40 gabinetes dos deputados, entre outras.

O quadro a seguir não inclui os temas relacionadas à Alesc que tiveram aproveitamento menor ou igual a duas notícias nos telejornais pesquisados.

Quadro 2

Pauta	Aproveitamento
Início dos trabalhos na Assembléia Legislativa de Santa Catarina	10 notícias
Bancada do PT pede revogação do parágrafo primeiro do artigo 52 do Regimento Interno da Assembléia. O parágrafo assegura ao deputado que for nomeado secretário de estado a manutenção da estrutura do gabinete parlamentar, incluindo os cargos em comissão.	10 notícias
Definição dos nomes para integrar as comissões da Assembléia Legislativa	7 notícias
Audiência pública, no plenarinho da Assembléia Legislativa, discute a cobrança de pedágio na rodovia SC 401, em Florianópolis	5 notícias

4.3 Formato das notícias veiculadas

O formato das notícias veiculadas sobre a Assembléia Legislativa foi o objetivo do terceiro levantamento. Cabe salientar que em telejornalismo não existe uma maneira exclusiva de produzir a veiculação de uma notícia. REZENDE (2000) registra que muitas questões podem influenciar o processo:

...Fatores de natureza diversa – horário do telejornal, características da audiência, condições de cobertura de um fato – influenciam a confecção da notícia. Entretanto, nem mesmo a evolução tecnológica na área da televisão é capaz de eliminar a forma talvez mais simples de apresentação de notícias no vídeo: o locutor lê um texto. REZENDE (2000, p. 52)

Em televisão os jornalistas trabalham com quatro formas básicas de apresentação das notícias. De acordo com MACIEL (1995) cada uma delas é utilizada conforme a existência ou não de imagens e fontes para serem entrevistadas de acordo com a necessidade do telejornal.

Os formatos são os seguintes:

Nota ao vivo – o apresentador apenas lê uma notícia escrita por ele ou por outro jornalista. É o formato mais simples da notícia em televisão.

Nota coberta – formada por uma *cabeça* (texto em forma de *lead*⁸ lido pelo apresentador) e por um *off* (narração do apresentador ou de um repórter acompanhada da exibição de imagens da notícia).

Boletim – Também chamado de *stand up*, é formado por uma *cabeça* e pela presença do repórter, geralmente no local do acontecimento, contando a notícia. O boletim pode ser acompanhado de um entrevistado ou não, ser ao vivo ou gravado.

Reportagem – É a forma mais completa de uma notícia em televisão e pode reunir *cabeça*, *off*, presença do repórter, sonoras (trechos de entrevistas) e nota pé (texto curto lido pelo apresentador relacionado à reportagem que foi exibida). A nota pé também pode estar presente nos boletins e notas cobertas.

⁸ No jornal impresso o *lead* corresponde ao primeiro parágrafo que traz um resumo do fato. Segundo a tradição jornalística devem ser respondidas seis perguntas: o que, como, quem, quando, onde e por quê? Em televisão o *lead* corresponde ao texto, lido pelo apresentador, que antecede a exibição da notícia. Essa

As emissoras de televisão também podem optar pela presença de comentaristas que fazem análises das notícias veiculadas ou divulgam fatos levantados por ele mesmos.

MACIEL identifica dois critérios básicos para a escolha de um desses formatos:

Um dos axiomas mais usados por profissionais que trabalham na televisão diz que se a notícia é boa e a imagem é fraca, o jornalista deve contar a notícia, sem mostrar as imagens. É o caso de redigir uma nota ao vivo com todas as informações relevantes para o telespectador. MACIEL (1995, p. 49)

A escolha de um desses formatos identifica, a princípio, o grau de importância que o jornalista concede à notícia, mas também no caso das notas, por exemplo, pode representar uma alternativa de veiculação de um fato quando não há condições de operacionalizar uma cobertura mais complexa. Entre os fatores que influenciam essa decisão estão a falta de estrutura da emissora ou o pouco tempo disponível para a cobertura do fato.

Quadro 3

Pauta	Formato
<p>Início dos trabalhos na Assembléia Legislativa de Santa Catarina</p>	<p>Reportagem.....4 Nota Coberta.....2 Comentário.....2 Nota.....2 Entrevista ao vivo.....1</p>
<p>Bancada do PT pede revogação do parágrafo primeiro do artigo 52 do Regimento Interno da Assembléia. O parágrafo assegura ao deputado que for nomeado secretário de estado a manutenção da estrutura do gabinete parlamentar, incluindo os cargos em comissão.</p>	<p>Reportagem.....4 Comentário..... 3 Nota..... 2 Entrevista ao vivo.....1</p>
<p>Definição dos nomes para integrar as comissões da Assembléia Legislativa</p>	<p>Comentário 4 Reportagem1 Nota1 Entrevista ao vivo 1</p>
<p>Audiência pública, no plenarinho da Assembléia Legislativa, discute a cobrança de pedágio na rodovia SC 401, em Florianópolis</p>	<p>Reportagem3 Entrevista ao vivo.....1 Nota.....1</p>

4.3 As equipes de produção dos telejornais

Depois da análise dos telejornais, o passo seguinte foi uma série de entrevistas com os jornalistas responsáveis pela pauta das emissoras. No total, 16 profissionais⁹ responderam um questionário de seis perguntas de múltipla escolha, com abertura para depoimentos pessoais, que identificou a forma como é obtida a informação, os critérios utilizados na seleção das notícias, a influência da estrutura do departamento de jornalismo e do horário de veiculação do telejornal, e o conhecimento ou não do perfil do telespectador.

Em algumas questões também foram incluídas entrevistas com os comentaristas Vânio Bossle, Cláudio Prisco Paraíso e Paulo Alceu. Essas respostas têm um registro independente da tabulação do grupo base.

A seqüência a seguir traz as perguntas utilizadas na pesquisa e as respectivas tabulações das respostas. Todos jornalistas responderam à pesquisa no próprio ambiente de trabalho.

Os resultados foram os seguintes:

4.4 De Onde Vêm as Notícias

Na maioria das situações, como você tem conhecimento das atividades desenvolvidas pelos deputados estaduais na Assembléia Legislativa de Santa Catarina? Se for necessário, assinale mais de uma alternativa.

⁹ Na RBS TV os editores-chefe Aurélio Espíndola (RBS Notícias) e Laine Valgas (Bom Dia Santa Catarina) e o chefe de redação, Eurico Meira, foram incluídos no grupo porque também participam do processo de definição de pautas.

Quadro 4

Iniciativas de assessores de imprensa (releases, sugestões de pauta e telefonemas).	15
Pauta originada na sua própria emissora.	15
Informações veiculadas por outros veículos de comunicação (jornais impressos, colonistas, emissoras de rádio, etc)	13
*Pautas sugeridas pelo público por contato telefônico	1
Consulta ao site da Assembléia Legislativa de Santa Catarina (www.alesc.sc.gov.br) ou por meio dos sites dos deputados	1

*Respostas escritas no espaço destinado a outras formas de captação de informações relacionadas a Assembléia Legislativa

4.5.1 Assessoria de Imprensa

A escolha da resposta “iniciativas de assessores de imprensa” como uma das duas opções mais votadas pode ser confirmada pelo resultado da tabulação do quadro número dois¹⁰. As notícias sobre o início dos trabalhos do legislativo e definição dos nomes para integrar as comissões foram pautadas pela assessoria

¹⁰ Na página 3

de imprensa da Assembléia Legislativa de Santa Catarina¹¹. As notícias relacionadas a audiência pública sobre o pedágio na rodovia SC 401 e o pedido de revogação do artigo 52 foram pautadas pela assessoria de imprensa do deputado Afrânio Boppré, líder da bancada do Partido dos Trabalhadores¹², e reforçada pela assessoria da própria Assembléia.

4.5.2 Pauta Originada na própria emissora

O item “pauta originada na sua própria emissora” divide espaço com as assessorias de imprensa na preferência dos entrevistados. Cabe salientar que para criar pautas originais, em muitos momentos, os jornalistas utilizam como referência informações dos comentaristas políticos de suas emissoras: Paulo Alceu na RBS TV, que também é responsável por uma coluna no jornal Diário Catarinense; Cláudio Prisco Paraíso na Rede SC, autor de colunas nos jornais A Notícia e O Estado; e Vânio Bossle na TV Barriga Verde, que também apresenta um programa na Rádio Guararema (AM), com sede no município de São José, na Grande Florianópolis.

O jornalista Paulo Alceu afirma que a sua seleção das atividades da Assembléia Legislativa de Santa Catarina inclui contatos com a assessoria de imprensa e com os próprios deputados estaduais, consultas aos sites dos parlamentares e também o acompanhamento das atividades pessoalmente ou pela TV AL (emissora de canal fechado que veicula ao vivo as atividades do legislativo estadual). O comentarista diz que é difícil definir como são classificados os assuntos que posteriormente transformam-se em notas na coluna ou comentários.

¹¹ A assessoria de imprensa da Assembléia Legislativa de Santa Catarina é composta por seis profissionais responsáveis pela produção de releases, sugestões de pauta, contatos telefônicos e atualização do site www.alesc.sc.gov.br para divulgar todas as atividades do legislativo catarinense. Além disso, cada um dos 40 deputados estaduais, possui no gabinete parlamentar um assessor de imprensa exclusivo que também segue a mesma estratégia de trabalho.

¹² O deputado estadual Afrânio Boppré foi o responsável pela convocação da audiência pública e como líder do PT é a fonte oficial para falar das decisões da bancada. Neste caso, o pedido de revogação do parágrafo primeiro do artigo 52 do Regimento Interno da Assembléia.

É um tanto subjetivo, embora acompanhe um raciocínio lógico. Fica em paralelo aos acontecimentos do momento, além do apelo junto à comunidade. O certo é que a experiência do dia-a-dia acaba fazendo com que a tarefa de selecionar as reportagens flua com naturalidade, Mas a meta de todo o jornalista é descobrir o grande tema, ou seja, o furo que exigirá repercussão. Dá uma enorme satisfação de dever cumprido.

O comentarista Vânio Bossle credita ao público, por meio de telefonemas e e-mails, e aos contatos da assessoria de imprensa dos deputados as suas principais fontes de informação. A consulta ao site da Assembléia e o contato direto com os deputados também são apontados como fontes de informação.

Para os comentários políticos no SBT, Cláudio Prisco Paraíso afirma que utiliza como principais fontes as assessorias de imprensas dos deputados e da Assembléia Legislativa, além de contatos telefônicos com os próprios parlamentares. Prisco Paraíso revela que tenta “democratizar os comentários” garantindo aos 40 deputados uma cobertura igualitária. Na opinião do comentarista, a assessoria de imprensa é um apoio logístico fundamental para o deputado divulgar suas ações na imprensa.

4.5.3 Circularidade das informações

O terceiro item mais votado na pesquisa identifica que os jornalistas utilizam como fonte as informações de outros veículos de comunicação, como jornais impressos, emissora de rádios e televisão. Cabe salientar, que as pauteiras Stella Máris Dias Bello e Vera Maria, da RBS TV, ocupam função semelhante na CBN Diário, emissora de rádio da mesma rede. Deste modo, a circularidade das informações entre as duas emissoras fica mais evidente.

No caso do SBT, a pauteira Jaqueline Griebeler afirmou ser comum o contato com a equipe que participa da elaboração da coluna diária de Cláudio Prisco Paraíso nos jornais A Notícia e O Estado.

4.6 Critérios de Seleção

Quais os critérios que você leva em consideração para pautar atividades desenvolvidas pelo legislativo catarinense, como audiências públicas, reuniões das comissões e votações dos projetos de lei? Se for necessário, assinale mais de uma alternativa.

Quadro 5

Interesse que o assunto pode despertar no público	15
Polêmica, conflito ou disputa em torno do tema em discussão	12
Importância, em termos de conseqüências, independente do interesse imediato	10
Espaço destinado à política na linha editorial do telejornal	2
Critérios pessoais baseados em sua experiência profissional	3
* Suítes (repercussão de matérias veiculadas em outro telejornal da emissora)	1

* Resposta escrita no espaço destinado a outros critérios levados em consideração para pautar atividades desenvolvidas pelo legislativo catarinense.

4.6.1 Público

O público é o principal critério apontado pelos pauteiros na hora de selecionar uma notícia relacionada à Assembléia Legislativa de Santa Catarina. A preocupação aparece tanto no que diz respeito a suposição do que o telespectador quer saber, como no interesse da emissora em garantir a audiência veiculando temas polêmicos e de conflito que, não necessariamente, tenham vinculação direta com o cotidiano do público.

4.6.2 O Negativismo como Valor

O segundo fator mais apontado pelos jornalistas entre os critérios utilizados para pautar uma notícia está relacionado a polêmica, ao conflito ou disputa. O chefe de redação da RBS TV, Eurico Meira, salientou que os produtores dos telejornais da emissora evitam, entretanto, polêmicas e conflitos internos dos partidos veiculando apenas aqueles que tenham repercussão direta na vida do telespectador.

4.6.3 A estrutura

Os departamentos de jornalismo responsáveis pelos nove telejornais pesquisados possuem uma grande disparidade no número de equipes de reportagem e pessoal nas funções de pauta e produção. Na TV Barriga Verde o coordenador de jornalismo, Luiz Geraldo Gelle, trabalha dois períodos e acumula as funções de pauta e chefia de reportagem. A emissora dispõe de duas equipes de reportagem: uma apenas no período matutino e a outra que trabalha três dias da semana em Florianópolis e dois dias nos municípios no litoral catarinense.

A Rede SC no período matutino conta com um pauteiro, que também acumula a função de chefia de reportagem, e duas equipes de reportagem. À

tarde, outro pauteiro, que também acumula a chefia e reportagem, e mais duas equipes de reportagem são responsáveis pela cobertura noticiosa da emissora.

Na TV Record três pauteiros se revezam nas produções do telejornal noturno “Informe Santa Catarina” e no programa de variedades apresentado por Roberto Salum. A emissora tem três equipes de reportagem: uma pela manhã e duas à tarde.

Das quatro emissoras, a RBS TV é a que dispõe de um maior número de jornalistas e funções mais definidas. No período matutino, a TV conta com três equipes de reportagem, uma pauteira e uma chefe de reportagem. À tarde, o departamento conta com duas equipes de reportagem, dois pauteiros e um chefe de reportagem. As chefes de reportagem da RBS TV também auxiliam na pauta.

Além disso, cabe salientar que a emissora dispõe de duas equipes de reportagem do Núcleo da Globo¹³ que podem ser convocadas para coberturas locais.

4.6.4 Influência da Estrutura das emissoras

A terceira pergunta da pesquisa identificou que essa disparidade dos departamentos de jornalismo influencia o trabalho.

A estrutura da emissora (número de repórteres, cinegrafistas, transporte, disponibilidade de equipamentos, existência de setorista¹⁴) interfere nesse processo?

Quadro 6

Sim	11

¹³ Os dois repórteres da emissora, Kíria Meurer e Ricardo Von Dorff, que pertencem ao Núcleo da Globo devem, a princípio, fazer reportagens de Santa Catarina com abrangência nacional. Em algumas situações, entretanto, podem suprir a falta de repórteres nas coberturas locais.

¹⁴ Repórter que cobre um setor específico.

Não	5
-----	---

Explicações apontadas nas respostas positivas:

Falta equipe disponível	11
Falta de tempo.....	1

Explicação apontada nas respostas negativas:

O peso jornalístico se sobrepõe a qualquer limitação.....	5
---	---

4.7 A Limitação do Tempo

A única questão do questionário em que houve empate averigou se o horário de veiculação do telejornal interfere na escolha das notícias.

O horário de veiculação do telejornal também é outro fator determinante?

Quadro 7

Sim	8
Não	8

Explicações apontadas nas respostas positivas:

Horário de gravação do telejornal (caso específico do Dia a Dia News que é exibido às 7h30, mas é gravado no dia anterior às 18h).....	1
--	---

Prioridade para as notícias factuais que conseguirem ser produzidas até a exibição de telejornal

..... 2

Horário de fechamento do telejornal antecede decisões na Assembléia.....5

Explicações apontadas nas respostas negativas:

Uso de alternativas para garantir a veiculação da notícia..... 6

Horários de telejornais disponíveis em três períodos..... 1

Horário de veiculação do telejornal não prioriza assuntos políticos..... 1

4.8 Conhecimento do Público Alvo

A penúltima e última perguntas do questionário verificaram se os jornalistas tinham conhecimento do perfil do telespectador e qual a metodologia usada para identificá-lo.

Você tem conhecimento do perfil do público que assiste ao telejornal que você produz, especialmente no que se refere a seu interesse pela política estadual?

Quadro 8

Sim	10
Em termos	6

Não	1
-----	---

No caso de resposta afirmativa na questão acima, identifique como você chegou a essa conclusão:

Quadro 9

Levantamento realizado por instituto de pesquisa ou agência de publicidade de Santa Catarina.	10
Os assuntos que você pauta são dirigidos a um público específico.	4
Acredita que o público siga a tendência da rede nacional a qual sua emissora é filiada	2
Telefonemas e e-mails do telespectador	1

Embora a maioria dos entrevistados indique os levantamentos dos institutos de pesquisa como fonte para conhecer o público alvo, alguns como o editor-chefe do RBS Notícias, Aurélio Espíndola, revelam que as pesquisas não especificam a área de interesse do telespectador.

Dentro deste contexto, cabe ao jornalista, baseado em questões como idade e grau de escolaridade do público, fazer um julgamento sem nenhuma metodologia específica do que o telespectador gostaria de assistir no telejornal.

5 Conclusão

Ao tentar identificar, através de um estudo de caso, quais fatores influenciam os jornalistas no processo de seleção das notícias da Assembleia catarinense ficou constatado que cada influência apontada nas bases teóricas do terceiro capítulo ficou parcialmente apontada na pesquisa empírica apresentada no capítulo IV.

A influência da relação com as fontes foi o tópico mais evidente de comprovação e pode ser constatado na tabulação apresentada nos quadros dois e quatro. Do total de 16 jornalistas entrevistados, no quadro 4, 15 revelaram que se mantêm informados das atividades do legislativo catarinense por meio das assessorias de imprensa da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e dos 40 deputados estaduais. Os três comentaristas políticos entrevistados, Cláudio Prisco Paraíso, Paulo Alceu e Vânio Bossle também confirmaram essa influência.

Um dado que chama a atenção é que a consulta aos sites da Assembleia Legislativa de Santa Catarina¹⁵ e aos dos deputados estaduais não é usual para a quase totalidade dos entrevistados. Apenas um deles afirmou que acessa a Internet para saber as atividades do legislativo e acompanhar os trabalhos dos deputados.

¹⁵ ¹⁵ O site da Assembleia, www.alesc.sc.gov.br, veicula diariamente, durante o período legislativo, a pauta de trabalho, incluindo reuniões de comissões, votações em plenário e apresentação de projetos de lei; textos da assessoria de imprensa com a cobertura jornalística dos acontecimentos; e disponibiliza em áudio trechos de entrevistas com os deputados e boletins de notícias.

A análise da origem das notícias mais veiculadas sobre a Assembléia Legislativa, no quadro quatro, reforça as respostas apresentadas no quadro dois: todas são originárias de pautas enviadas pelas assessorias de imprensa do legislativo e de um deputado estadual.

A facilidade de cobertura das pautas enviadas pelas assessorias de imprensa – datas/horários marcados e entrevistados à disposição – atraiu os integrantes dos departamentos de jornalismo das quatro emissoras pesquisadas. As ofertas de pautas, inclusive, foram sugeridas em horários tradicionalmente considerados viáveis pelos produtores das TVs: no período matutino, por volta das 10h, e à tarde, entre 14h30 e 17h.

No período pesquisado, 25 fatos políticos relevantes aconteceram na Assembléia Legislativa, mas apenas 9 mereceram veiculação nas emissoras pesquisadas. A falta de veiculação de fatos, segundo GIOVANNINI (1987) pode comprometer a inserção deles no cotidiano histórico:

...Não existem mais simples acontecimentos: os que ocorrem sem a presença da telecâmera estão destinados a não incidir (salvo casos raros) na realidade e na história, acontecem e imediatamente se transformam em não acontecimentos; os outros, os que passam através das lentes da telecâmera, os media events, enfim constituem o verdadeiro alimento da realidade e da histórica, e a ratificação televisiva faz com que casos isolados, na prática, transformem-se nos “acontecimentos”. GIOVANNINI (1987, 271)

Entre os fatos que não mereceram destaque no período pesquisado estão a denúncia do deputado do deputado Sérgio Godinho (PTB) de que em 62 municípios catarinenses obras estão paralisadas devido a falta de repasse de verbas públicas; o projeto de lei do deputado João Rodrigues que propõe a instalação de barreiras eletrônicas nos trechos de rodovias dentro de perímetros urbanos e a convocação do diretor do Banco Central Carlos Eduardo Freitas para falar sobre a situação do Besc.

Cabe ressaltar que, no período pesquisado, nenhuma emissora noticiou um “furo de reportagem”. As sugestões de pauta ou releases enviados por assessores

de imprensa pautaram até as notícias da Assembléia Legislativa que foram publicadas apenas em uma emissora.

No item da pesquisa que buscou identificar os critérios usados para pautar as atividades desenvolvidas pelo legislativo catarinense, no período de 17 a 28 de fevereiro, todos os entrevistados citaram questões apontadas no capítulo III. As mais lembradas, de acordo com a tabulação do quadro 5, foram a polêmica em torno do fato, a preocupação com o público e a importância da notícia escolhida em termos de conseqüências.

A relação de notícias apresentada no quadro dois comprova os critérios de seleção indicados pelos entrevistados. O início dos trabalhos do legislativo¹⁶, a revogação do parágrafo primeiro do artigo 52 do Regimento Interno da Assembléia e a escolha dos integrantes das comissões envolveriam polêmica, a discussão sobre a cobrança de pedágio na SC 401 também envolveria polêmica e poderia trazer conseqüências.

Embora os entrevistados admitissem pensar no telespectador que assistirá a notícia, a pesquisa comprovou a análise de WOLF (1996) e LAGE (2001) que afirmaram que os jornalistas, mesmo com a realização de pesquisas, não conhecem de fato o perfil do público.

Dos 17 entrevistados, seis afirmaram conhecer “em parte” o perfil do telespectador e um admitiu que não. Os 10 que indicaram conhecer o público afirmaram se basear em pesquisas, mas apontaram falhas, como a superficialidade dos dados.

As influências relacionadas aos custos e a estrutura da emissora puderam ser identificadas nas TVs Record, SBT e Barriga Verde. Enquanto a RBS tem um departamento de jornalismo com mais integrantes e funções definidas, na Barriga Verde, por exemplo, o setor tem um número reduzido de funcionários e acúmulo de funções.

Na questão que tentou identificar se a estrutura da emissora interferia no processo de seleção houve empate, mas é interessante salientar que as

¹⁶ O início dos trabalhos legislativos marcaram a discussão em torno da escolha no novo presidente da Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

emissoras buscam alternativas para veicular as notícias. Quando não têm condições de produzir uma reportagem completa, por exemplo, optam por notas ou análises dos comentaristas, conforme indicam os quadros um e três. Este é o caso da TV BV que, mesmo com um quadro reduzido de repórteres e com dois telejornais, conseguiu em termos quantitativos veicular mais notícias que a RBS TV que apresenta uma estrutura mais completa no departamento de jornalismo e veicula três telejornais.

É importante salientar que todos os fatores apontados nas bases teóricas apresentadas no capítulo III e identificados na pesquisa empírica foram constatados

independente da emissora pesquisada. Isto significa, por exemplo, que a dependência das fontes de rotina, como as assessorias de imprensa, acontece tanto em uma emissora de grande porte, como a RBS TV, ou na TV Record, de menor estrutura.

Esta dissertação não julga quais dos critérios elencados são os ideais para se selecionar notícias e garantir a boa aceitação do público. A seleção das notícias, de acordo com GOMIS (1991), está submetida a acertos e erros que não estão relacionados à exatidão do fato que se veicula, mas à decisão de ter escolhido uma notícia para difundir-la ou descartá-la. O autor enfatiza que o acerto ou erro estão relacionados pelo que veiculam os outros meios de comunicação com os quais se compete. Porque quanto menor a repercussão, menor a importância da notícia.

O que já foi comprovado pelo cotidiano profissional e estudo teórico do jornalismo é que a noticiabilidade é cercada de várias influências. GANS aponta que nem todas são relevantes para cada notícia. Se o fossem, os jornalistas não poderiam executar o seu trabalho, porque não teriam tempo para os tornar a todos em consideração (...). Alguns são, praticamente, sempre relevantes, mas o número e a combinação pertinente para as notícias específicas variam” (GANS, 1979, 279)

O autor também compara o processo de seleção das notícias a um funil onde “muitos dados são colocados e apenas um número restrito consegue passar pelo filtro: no entanto, pode-se compará-lo também a uma sanfona, visto que algumas notícias são acrescentadas, deslocadas, inseridas no último momento (GANS, p.109, 1979)

WOLF avalia que na discussão da noticiabilidade deve-se levar em o conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para adquirirem a existência pública de notícias:

Tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído por não ter adequação às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a “matéria-prima” que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa. Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias WOLF (2001, p.190)

WOLF completa a análise afirmando que também não se pode descrever a seleção apenas como uma escolha subjetiva do jornalista, mesmo que seja, profissionalmente motivada:

é necessário vê-la como um processo complexo, que se desenrola ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado a instâncias diferentes – desde as fontes até ao simples redator – e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade direta de escolher as notícias a transmitir WOLF (2001, p. 241)

É notável que os fatores que influenciam a seleção de notícias sofreram algumas mudanças ao longo do tempo, mas nem mesmo a informatização das redações, por exemplo, desvinculou os jornalistas da pressão relacionada ao

tempo. E essa corrida contra o relógio talvez seja uma das portas de entrada para o trabalho dos assessores de imprensa e uma das causas que motivam críticas contra o desempenho dos jornalistas.

Este estudo de caso que identificou a preferência pelas fontes oficiais na cobertura dos trabalhos desenvolvidos pelo Legislativo catarinense vai ao encontro da avaliação de LAGE (2001) quando diz que poucas matérias jornalísticas têm como origem a observação direta porque, na maioria dos casos, são baseadas em informações repassadas por fontes ligadas a instituições ou personagens.

Este estudo reforça o pensamento de LAGE quando salienta que em muitas áreas a transmissão da informação é resultado das habilidades profissionais dos assessores de imprensa. Fato que pode ser claramente comprovado no levantamento das notícias veiculadas sobre a Alesc nas duas primeiras semanas de fevereiro de 2003.

Uma constatação que demonstra o poder das fontes, em especial as assessorias de imprensa, em um momento, que segundo GIOVANNINI (1987), os homens tomam consciência de que a circulação da notícia constitui uma força poderosa nos relacionamentos entre os componentes de uma sociedade. No caso deste estudo, notícias que interferem no cotidiano das pessoas e dão transparência ao processo democrático vigente. Sendo assim, o que se apresentou nas emissoras no período pesquisado deixou uma lacuna que só poderia ter sido preenchida com o desprendimento delas das fontes oficiais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luís. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

BALDESSAR, Maria José. **A Mudança Anunciada: O Cotidiano dos Jornalistas e a Revolução Informacional**. Dissertação de mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina.

BARBEIRO, Heródoto. **O Radiojornalismo Renovado**. In *Jornalismo Eletrônico ao Vivo* – org. Sidney Rezende e Sheila Kaplan. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BARCELOS, Caco. **Repórter : Profissão Perigo**. In *Jornalismo Eletrônico ao Vivo* – org. Sidney Rezende e Sheila Kaplan. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BELLINTANI, Milton. Se um furo aterrissar na sua mesa, desconfie. **Jornal dos Jornais**. São Paulo. Ano 1, número 8, p. 16. Novembro. 1999.

BOAVENTURA, Helayne. **JBonline**, Rio de Janeiro. Imagem Distorcida. disponível em : [http:// www.jbonline.terra.com.br/destaques/110jb](http://www.jbonline.terra.com.br/destaques/110jb). Acesso em 10 de janeiro de 2003

CAMPOS, Pedro Celso. **Observatório da Imprensa**. Novos paradigmas de produção, emissão e recepção do discurso. Outubro/ 2001. Disponível em <[http:// www.observatóriodaimprensa.org.br](http://www.observatóriodaimprensa.org.br) Acesso em 30 de novembro de 2001.

CASOY, Boris. **O Carisma do Âncora**. In *Jornalismo Eletrônico ao Vivo* – org. Sidney Rezende e Sheila Kaplan. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 160 p.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Cem anos de assessoria de imprensa**. in *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia*. org. Jorge Duarte. São Paulo: Atlas, 2002.

CUNHA, Paulo José. **Telejornalismo em close**. E se os pauteiros colocassem nas agendas os telefones dos ipês? Distribuído e-mail por upj@persocom.com.br. Acesso em 9 abril de 2002

DINES, Alberto. **O papel do Jornal: uma releitura**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

FALLOWS, James. **Detonando a notícia: como a mídia corrói a democracia americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FARIA, Armando Medeiros de. **Imprensa e Organizações**. in *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia*. org. Jorge Duarte. São Paulo: Atlas, 2002.

FAUVET, Jaques. **As notícias e a informação**. Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico. **Pauta Geral**. Revista de Jornalismo, Salvador, N. 4. Novembro. 2002

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1981

FON, Antônio Carlos. Passaram a perna no nosso repórter. **Jornal dos Jornais**. São Paulo. N. 8. P. 14, Novembro, 1999.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **COMPÓS - GT – Estudos de Jornalismo**. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre noticiabilidade. Disponível em: <[http:// www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/textos_carloseduardo.html](http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/textos_carloseduardo.html) >. Acesso em 17 de novembro de 2003.

GANS, Herbert. Decidind what's news: a study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time. New York: Pantheon Books, 1979

GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. **Observatório da Imprensa**. A Melhor Profissão do Mundo – 1996. Disponível em: [http:// < www.observatoriodaimprensa.com.br >](http://www.observatoriodaimprensa.com.br) . Acesso 10 de abril de 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide – Para uma teoria marxista do Jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na Comunicação – Do sílex ao Silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GONÇALVES, Elias Machado. O Jornalismo digital no mercado global – As relações cidade-jornal na imprensa de massas e na imprensa personalizada. **Divulgação Científica e Poder Midiático**, série Comunicação e Sociedade, N 29. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

GONSALVES, Alex. **Canal da Imprensa**. Proibição da Competência. Disponível em: [http:// www.canaldaimprensa.com.br /debate/vint4/deabte5.htm27/nov](http://www.canaldaimprensa.com.br/debate/vint4/deabte5.htm27/nov). Acesso 18 de outubro de 2003

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del Periodismo**. Barcelona: Paidós, 1991

GOMIS, Lorenzo. Do importante ao interessante – ensaio sobre os critérios para a noticiabilidade no Jornalismo. **Pauta Geral**. Revista de Jornalismo, Salvador, N. 4. Novembro. 2002

HOHENBERG, John. **O Jornalista Profissional : guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Interamericana,1981.

KARAM. Francisco José Castilhos. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus, 1997

KOTSCHO, Ricardo. O pipoqueiro e os filhos da pauta. **Repórteres**. Org. Audálio Dantas. São Paulo: Editora SENAC. 1998

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo : Norte e Sul** . São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,1997

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Vozes,1981

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1985

LAGE, Nilson. **Jornalismo e Linguagem na Era da Produção Simbólica**. Março/1991. Disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/lage-livro2.htm>. Acesso: 10 de novembro de 2000

LAGE, Nilson. **O Jornalismo como fonte**. In. XII Encontro Nacional de Jornalistas em Assessoria de Comunicação. Belo Horizonte. 1999. Disponível em < www.jornalismo.ufsc.br/bancodedadoslage.jornalistafonte.html> . Acesso em 10 de abril de 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem – Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2001

LAGE, Nilson . **Gramática do Texto Jornalístico**. Disponível em: [http://www.jornalismo.ufsc.br / bancodedados/md – gramática1.html](http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/md_gramatica1.html) . abril/2002. Acesso: 27 de dezembro de 2002.

LOPES. Anabela de Souza. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Notícias na Internet: um novo jornalismo? Junho/200. Disponível em:<http://www.cecl.com.pt/rcl/27/html>> . Acesso em 12 de maio de 2001.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão**. Porto Alegre: Sagra/DC/ Luzzatto. 1995

MEDINA, Cremilda . **Profissão Jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda : jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEYER, Philip. **The New Precision Journalism**. Barcelona: Bosch, 1993. Tradução de João Luis Dader

MELO, José Marques de. **Sala de Prensa**. Impasses do jornalismo na virada do milênio. Novembro/2001. Disponível em: < <http://www.saladeprensa.org/art290.htm>>. Acesso em 15 de junho de 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação – teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001

MONTEIRO, Graça França. **A Notícia Institucional. in Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia**. org. Jorge Duarte. São Paulo: Atlas, 2002

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003

PARADA, Marcelo. **Rádio : 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000

REZENDE, Guilherme Jorge de. **“Telejornalismo no Brasil : um perfil editorial**. São Paulo: Summus. 2000

RIBEIRO, José Hamilton. **Fórmula de reportagem**. In Repórteres. Audálio Dantas – organizador – São Paulo: Editora SENAC, 1998

RIBEIRO, J.C. **Sempre Alerta**. São Paulo: Olho D'Água / Brasiliense, 2001.

SEABRA, Roberto. **Produção da Notícia: A Redação e o Jornalista**. In: DUARTE, Jorge. Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. São Paulo: Atlas, 2002

SECANELLA, Petra M, **El Lid: fórmula inicial de la noticia**. Barcelona: Mitre, 1980

SQUIRRA, Sebastião. **Jornalismo On-line**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do jornalismo brasileiro : as (in)certezas da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2000

SILVA, Marconi Oliveira da. **O Mundo dos Fatos e a Estrutura da Linguagem – A notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein**. Porto Alegre: EDIPUC, 1998

SCHUDSON, Michael. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Por que é que as notícias são como são? Março/ 1988. Disponível em: <http://www.cecl.com.pt/rcl/08-02.html>. Acesso: 20 de março de 2001

SÓDRE, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983

SOUZA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos** . Coleção Comunicação. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000

SQUIRRA, Sebastião **Aprender Telejornalismo – produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1995

TRAQUINA, Nelson. **Revista de Comunicação e Linguagens**. N 8. As Notícias. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1988.

TRAQUINA, Nelson. **Revista de Comunicação e Linguagens**. O estudo das notícias no fim do século XX. N 27 . Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos: 2001.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **“O Mundo dos Jornalistas”**. São Paulo: Summus, 1993

WOLF, Mauro. **La Investigación de la Comunicación de Masas – Crítica y Perspectivas**. Espanha: Paidós, 1996

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed . Lisboa: Editorial Presença, 2001

Questionário

1. Na maioria das situações como você tem conhecimento das atividades desenvolvidas pelos deputados estaduais na Assembléia Legislativa de Santa Catarina? Se for necessário, assinale mais de uma alternativa.

- Consulta ao site da Assembléia Legislativa de Santa Catarina (www.alesc.sc.gov.br) ou por meio dos sites dos deputados.
- Iniciativas de assessores de imprensa (releases, sugestões de pauta e telefonemas)
- Pauta originada na própria emissora
- Informações veiculadas por outros veículos de comunicação (jornais impressos, colunistas, emissoras de rádio, etc.)
- Outros. Quais?

2. Quais os critérios que você leva em consideração para pautar atividades desenvolvidas pelo legislativo catarinense, como audiências públicas, reuniões das comissões e votações dos projetos de lei? Se for necessário, assinale mais de uma alternativa.

- Polêmica, conflito ou disputa em torno do tema em discussão.
- Interesse que o assunto pode despertar no público
- Importância, em termos de conseqüências, independente do interesse imediato.
- Espaço destinado à política na linha editorial do telejornal.
- Critérios pessoais baseados em sua experiência profissional.
- Outros. Quais?

3. A estrutura da emissora (número de repórteres, cinegrafistas, transporte, disponibilidade de equipamentos, existência de setorista) interfere neste processo?

- Sim
- Não

4. O horário de veiculação do telejornal é outro fator determinante?

- Sim
- Não

5. Você tem conhecimento do perfil do público que assiste o telejornal que você produz, especialmente no que se refere a seu interesse pela política estadual?

- Sim

- Não
- Em termos

6. Em caso de resposta afirmativa na questão acima, identifique como você chegou a essa conclusão: